

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES

SEBASTIAN WIEDEMANN

ONDAS:
UM EXPERIMENTO EM PENSAMENTO-CINEMA
NOTAS PARA UMA POÉTICA DA IMANÊNCIA

Dissertação -

Linha de pesquisa:

Estudos dos Processos Artísticos

Orientador:

Prof. Dr. Jorge Vasconcellos

Niterói

2015

W644 Wiedemann, Sebastian.

Ondas: um experimento em pensamento-cinema. Notas para uma poética da imanência / Sebastian Wiedemann. – 2015.

120 f. : il.

Orientador: Jorge Vasconcellos.

Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2015.

Bibliografia: f. 116-118.

1. Cinema experimental. 2. *Ritornelo*. 3. Deleuze, Gilles, 1925-1995. I. Vasconcellos, Jorge. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

Sebastian Wiedemann

Ondas:

Um experimento em pensamento-cinema

Notas para uma poética da imanência

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Vasconcellos
(orientador)

Prof. Dr. Tato Taborda

Prof. Dr. Rodrigo Guerón

Prof. Dr. Gabriel Cid



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO - PPGCA

DADOS DA DISSERTAÇÃO	
Autor(a) / Candidato(a):	SEBASTIAN ALEXI WIEDEMANN CABALLERO
Título do Trabalho:	ONDAS: UM EXPERIMENTO EM PENSAMENTO-CINEMA NOTAS PARA UMA POÉTICA DA IMANÊNCIA
Área de Concentração:	Estudos Contemporâneos das Artes
Linha de Pesquisa:	Estudos dos Processos Artísticos
Orientador(a):	DR. JORGE VASCONCELLOS
Co-Orientador(a):	---
Número de páginas:	117
Palavras-chave:	Ondas, cinema experimental, ritornelo, Deleuze.

BANCA EXAMINADORA		
Presidente:	JORGE VASCONCELLOS	PPGCA-UFF
Membro Interno:	TATO TABORDA	PPGCA-UFF
Membro Externo:	GABRIEL CID DE GARCIA	UFRJ
Membro Externo:	RODRIGO GUÉRON	UERJ
Atenção: Anexar cópia do Resumo da Dissertação		

PARECER DA BANCA EXAMINADORA	
APROVADO <input checked="" type="checkbox"/>	NÃO-APROVADO <input type="checkbox"/>
<p>A dissertação é APROVADA, elaborando-se seu conceito experimental com atravessamentos por variados suportes e linguagens da cultura de arte. Destaca-se igualmente o aspecto inovador na prática acadêmica de pós-graduação ao propor articulações não só entre o referencial campo de arte, mas também, as utilizações de memória científica e experimental os conceitos de filosofia guattaro-deleuziana.</p>	

ASSINATURAS DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA	
Presidente:	
Membro Interno:	
Membro Externo:	
(Ata lavrada pelo Presidente da Banca Examinadora)	
Local da Defesa:	Cinemateca do MAM Rio de Janeiro
Data:	11/12/2015

RESUMO:

Arrebentar o cinema, como a onda o faz ao se abraçar numa só violência com a pedra. Filme, como superfície ondulante, deslimite-membrana de passagem entre as sonoridades e as visualidades. Uma imagem-ritornelo como procedimento que alimenta a terra nômade da nossa mecosfera em catástrofe. As ondas, sua profundidade oceânica, que faz explodir o olho, cinema não mais um gesto ótico, mas sim tátil – handmade cinema. Mão que como onda se move sobre o celulóide, cinema que se pinta a cada gesto, a cada frame. Variações de uma máquina-ondas, imagem como campo vibrátil de experimentação, matéria metalizante entre meios. Onda que se precipita som, que se precipita mancha-cor, que se diz pequeno e grande ritornelo. Imagem-água-viva, *No man's land, No human's land*. Anônimo e anômalo, sem nome, só fazer variar As Ondas, Ondas que conectam o som da baleia com o do cometa, Ondas que se secam e transam com a areia, que se molecularizam e imperceptíveis se desfazem na poeira cósmica. Ondas que arruínam a casa do homem, desbordam e imanentes tudo o corroem. Cosmopolítica da imagem, ondaliferação na matéria plástica de expressão. Imagem-onda, que devora a margem do mundo.

Palavras-chaves: Ondas, cinema experimental, ritornelo, Deleuze.

ABSTRACT:

Break out the cinema like the waves make embracing itself in one violence with the stone. Film as undulating surface, unlimit-membrane passage between the sonorities and visualities. A refrain-image as procedure that feeds the nomadic land of our mecanosphere in catastrophe. The waves, its oceanic depth, which makes explode the eye, cinema no more an optical gesture, but a tactile - handmade cinema. Hand like waves moving on the celluloid, cinema that paints itself in every gesture, in every frame. Variations of a waves-machine, image as vibratile field of experimentation, metallizing matter between milieux. Waves that precipitate itself into sound, into spot-color as small and large refrain. Jellyfish-image. *No man's land, No human's land*. Anonymous and anomalous, unnamed, only make vary The Waves, Waves that connect the sound of the whale with the one of the comets. Waves, that dry itself having sex with the sand, molecularising everthing and becoming imperceptible in the cosmic dust. Waves that ruin the man's house. They corrode everything overflowing and being immanent. Cosmopolitics of the image, waves state in the plastic matter of expression. Waves-image, that devours the edge of the world.

Keywords: waves, experimental cinema, refrain, Deleuze.

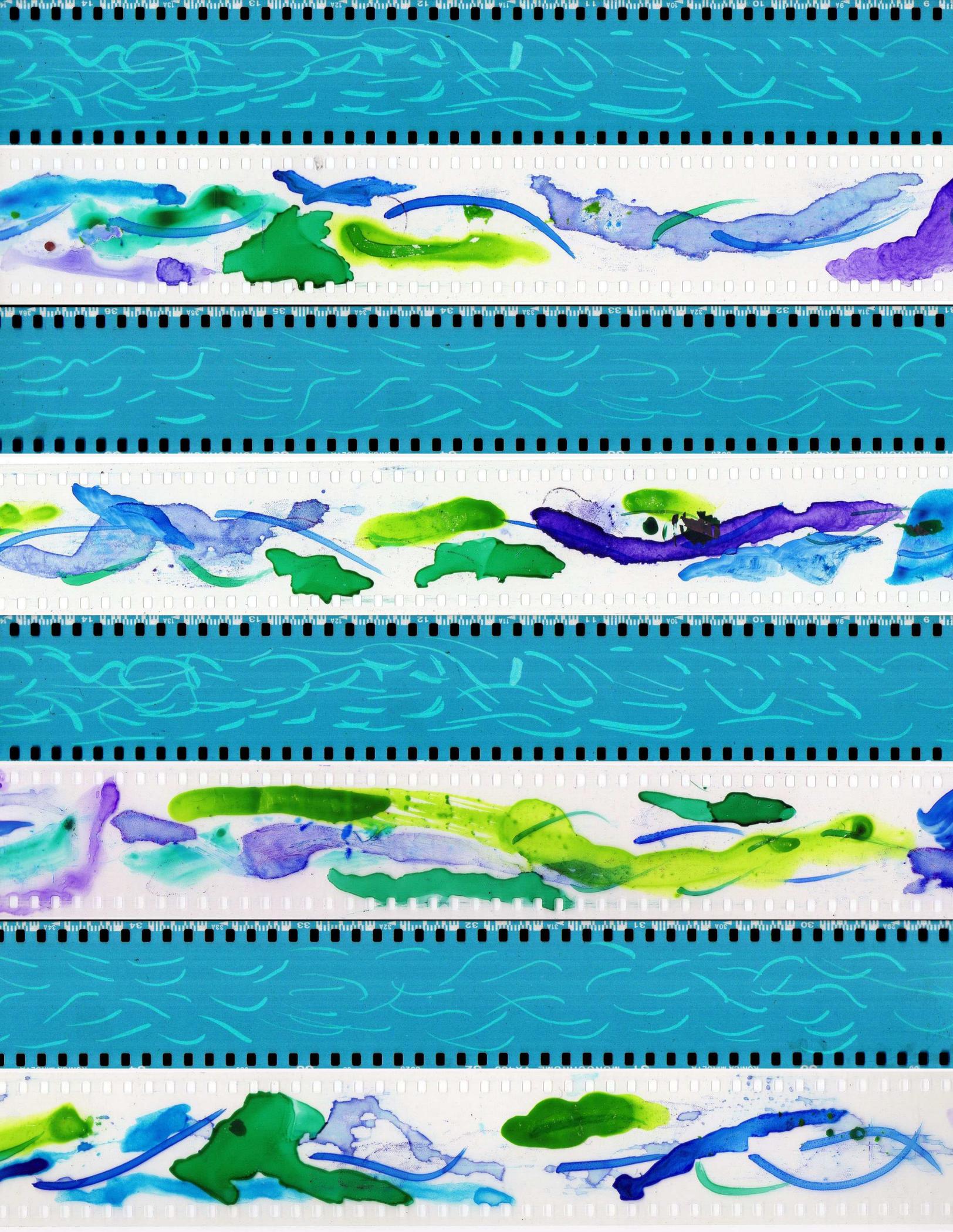
Ondas:

Um experimento em pensamento-cinema

Notas para uma poética da imanência

“Um Continuum habitado por ondas inomináveis e partículas inencontráveis. (...) As ondas são as vibrações, as bordas moveidças que se inscrevem a cada vez como abstrações no plano de consistência. Máquina abstrata das ondas.”
G. Deleuze

“Neste cinema, qualquer corpo pode se ligar a qualquer outro, sem limite espaço-temporal. (...) Uma tentativa de alcançar o plano luminoso de imanência até obter o marulho cósmico das imagens-movimento. Trata-se de produzir uma matéria imagética energética, na qual as moléculas estão em livre percurso. (...) Trata-se de alcançar a variação universal de imagens, até onde se estendem as interações moleculares.”
A. Parente



*À vida!
Ao encontro!
A quem acredita que a arte não é um privilégio humano
e que, antes de tudo, é um artesanato de afetos sem dono.*

AGRADECIMENTOS

*Ao mar e às ondas, sendo este experimento um gesto de devoração e devoção por eles.
Aos meus pais Alexi Wiedemann e Trinidad Caballero e à minha irmã Julliette Wiedemann, por
seu apoio e confiança incondicional.*

*À Susana Oliveira Dias, por sua instigação a que, antes de tudo, sempre nos perguntar pela
vida, fazendo corpo com o pensamento, com os seres-coisas do mundo.*

À Carolina Villada Castro, por me ensinar a potência de uma amizade filosófica.

*A Adrián Cangí, por me ensinar que só como gesto de risco é que o pensamento se diz
acontecimento.*

A Antoni Pinent, parceiro incansável na aventura de experimentar com a matéria fílmica.

A Hernani Heffner e à Cinemateca do MAM do Rio, por ter feito possível o filme “Ondas”.

*A Henrique Rocha, Ítala Isis e Flávia Naves, por se deixarem contagiar e afetar pelas Ondas,
fazendo-as proliferar de modo impensado.*

*Ao meu orientador Jorge Vasconcellos, por sua confiança e postura ético-política cotidiana
que me instigou muito a levar ao limite o que este experimento se propõe.*

*Aos membros da banca examinadora, Gabriel Cid, Rodrigo Guerón e Tato Taborda, por
aceitarem avaliar este experimento alucinado.*

A todos aqueles que, de modo direto ou indireto, fazem possível o Waves-project.



[by John Stezaker]

("O artista é um operador anônimo" - G. Deleuze)

(Da lógica do experimento)
Uma ficção necessária antes de começar.

A experimentação que se abre nas seguintes páginas, supostamente, pertence à linha de pesquisa “Estudos dos processos artísticos”. Mas diremos que levar à sério uma linha é fazer dela uma linha de errância. E errar é sempre a vertigem de estar corpo a corpo com os materiais. Fazer de tudo uma matéria de expressão. Assim, um “estudo” como estágio ulterior, é uma impossibilidade. Procura-se o tempo do acontecimento e, nesse sentido, a escrita como campo problemático vivo é muito mais um cenário construtivo, um *processus* ativo e fervilhante, do que o espaço estático do “estudo”. Não nos perguntamos pelo que foi, mas pela possibilidade de convocar um futuro na matéria de expressão. Esse porvir, tempo vivo, onde em dinamismos infinitos se faz corpo com o pensamento.

Apostamos muito mais em uma escrita como *studio*, como ateliê. Pois esta dissertação-experimento não é alheia ao fazer. De fato, é o próprio fazer. Um fazer-dissertação que se diz indistintamente escrever-filmar. Um sempre fazer-cinema pelos mais diversos meios. Um fazer corpo com um pensamento-cinema que embaralha escrita e filme num mesmo movimento. Balanço afirmativo de um pensamento que vaza filme fora, que vaza escrita fora.

Desse modo, não é aqui uma opção poder dizer *sobre* as coisas. Aqui nada se diz *sobre*, mas tudo se compõe *com* e *entre*. Tudo é um fazer ou, se quer-se, tudo se verte no processo contínuo de afirmação e diferenciação da matéria. Palavras, conceitos, imagens, sons, matérias plásticas do mundo que se compõem, neste caso, no *experimento-ondas* que aqui nos convoca.

Se tudo é matéria plástica de composição, teoria e prática compõem uma única fita de Moebius e sempre estamos falando de *uma pragmática afirmativa da vida*. Pragmática que almejamos dar consistência na proliferação de movimentos expressivos antes que argumentativos. E que, certamente, não sentimos que sejam privilégio dos artistas, do artístico. Daí que este também não possa ser um “estudo-*studio* dos processos artísticos”.

Compor, criar é um acontecimento que ocasionalmente passa pela arte, mas também pela filosofia e outros meios que, a saber, nem sempre estão do lado do humano. Um “*studio-ateliê dos processos criadores*” aliado ao sensível é o que perpassa as linhas – sempre errantes – desta dissertação-experimento.

Embarcar-se na vertigem desse corpo a corpo com os materiais, com as Ondas, onde tudo é produção ou devoração. Compor-se com o mundo em processos abertos e aberrantes expandindo sempre as superfícies de contágio e afetação. Processos criadores, como possibilidades de encontro, como possibilidades de afetar e ser afetado. Estética como etologia, como a arte dos bons encontros, onde cada corpo que se dispõe a fazer proliferar afetos alegres, e com eles o mundo e a vida, é um poeta. Poética da existência como *poética da imanência*, onde cada movimento não faz outra coisa que se verter, uma e outra vez, na própria vida. Movimento que todo modo de existência compartilha. O pássaro, o sapo e a baleia que cantam são poetas; o vento, a onda e o cometa são poetas. O homem também.

A vida como as Ondas arrebenta com tudo que tenta retê-la, se afirma animal, vegetal e mineral; orgânica ou inorgânica; desmancha qualquer dicotomia como natureza/cultura; e passa, passa... Não colocar resistência a seu passo é dar lugar a uma ética da imanência, que sempre vem junto de uma poética.

De momento ficaremos mais do lado da poética, por mais que ela sempre contenha uma ética, pois há uma singularidade concreta que aqui nos convoca, a das *Ondas* como agenciamento sensível que forja o plano de composição e consistência que aqui nos move e arrastra.

Experimentação e expressão, antes que argumentação e interpretação. Por concentrados levar a frente uma escrita-proliferação que desconhece autor, sendo só o esforço de forças por compor-se em proximidade com uma *intuição-Ondas*.

*

Este “*studio-ateliê dos processos criadores*” no seu movimento acolhe inevitavelmente uma determinação política em defesa de uma horizontalidade das epistemologias. Situar-se de cheio no campo de batalha onde hierarquias e transcendências se acham no direito de determinar a legitimidade de um pensamento. Quando o que há, são *singularidades-pensamento* como meios que se podem contagiar e atravessar mutuamente¹, mas só e justo por possuírem uma singularidade. Falar e dizer *sobre* é tirar essa singularidade, como potência desse pensamento.

Nunca deixar de ser cineasta e sempre fazer-cinema pelos mais diversos meios para defender um pensamento-cinema na sua singularidade. Isto é, que emerge da singularidade de seus procedimentos materiais concretos. Daí que tudo o que nutre esta dissertação-experimento brote antes de nada dos procedimentos para entrar depois em vizinhança com outras potências e então voltar a se verter nos próprios procedimentos-matéria-de-expressão. Só então esta escrita (que já é fazer cinema) como componente fundamental deste experimento teria sucesso. *Pragmática dos procedimentos, pragmática de um pensamento singular.*

Dissertação-experimento, como *poética singular dos procedimentos*, onde a escrita ganha vigor pelo que move, antes que pelo que diz. Escrita que é o que se passa entre as palavras a uma velocidade, onde se podem encontrar com as imagens e sons nos seus intervalos. Escrever como Robert Bresson², desconfiando de que algo pode se fixar demais no papel. Quase não colocar fricção nele, para poder seguir se deslizando na tela, na película de cinema. Esbarrar só o suficiente, só o justo no papel, para poder seguir entrando de cheio nas brechas das imagens e sons.

Dissertação escrita pelas *Ondas*, pelos sons, pelas palavras, pelas imagens; escrita por

¹ Encontrar, contagiar e atravessar, pois é pelos intercessores que a criação passa. Cf. (VASCONCELLOS, 2005)

² Ao igual que Nietzsche, Robert Bresson encontrou nos aforismos seu estilo. Por concentrados e da mão de um ascetismo, sua escrita e filmes conseguiram compartilhar o mesmo fôlego e espírito. Cf. (BRESSON, 2005)

ninguém e por todo mundo. Por todo mundo, que se diz cinema e...e...e... E que justamente por assim se dizer, talvez, quem sabe, tenha algo a dizer aos outros. *Pensamento-cinema*, como *poética da imanência*, que por e desde sua singularidade não só se pode conectar com a etologia, mas também com outros campos-meios. Escrita que (se) escoar, escrita-cinema de ninguém, mas de todo mundo. Daí que ela talvez almeje ser lida antes por um biólogo, um oceanógrafo, um cosmólogo, um antropólogo, que por um cineasta.

Ao encontro com as *Ondas* para aprender a fazer um outro-cinema, para apreender forças-cinema. Ao encontro com as *Ondas*, mas já há muito que outros estão com elas (os biólogos, os oceanógrafos e...e...e...) . Na vontade pelo encontro com estes outros, sem deixar de se dizer cinema, mas aberto aos contágios, é que esta dissertação-experimento abre mão da forma-cinema, mas só para abraçar mais intensamente suas forças. Forças que sempre escapam.

Eles, os biólogos, os oceanógrafos, os cosmólogos, os antropólogos, os cineastas e...e...e..., não queriam se entender ou saber o significado do que o outro tinha a dizer, pois a potência desse campo de batalha estava dada na expressão singular de cada um. Em como um forçava a experimentar o outro. Cada um falando sua língua-singular, única, infinitamente intraduzível, mas que na sua estranheza é infinitamente contagiável pela do outro. Uma linha fugitiva os atravessava: afirmar, potenciar a expressão e com ela o mundo, o cosmos. Ao final, quem se encontrava eram só forças-pensamento num rico campo de experimentação. Vibrações, posições-perspectivas nômades desejosas de afirmar a vida.

Língua-mutante-cinema, que aqui se escreve como ato de resistência, escrita-menor para se encontrar com esses outros, não só os bichos-acadêmicos, mas também os seres-coisas, modos de existência, que habitam as *Ondas*. Que eles devorem estas *Ondas*, como elas devoram esta escrita. Só por uma vontade de canibalismo-acadêmico (canibalismo-vital), é que tem sentido a emergência da posição-perspectiva “Artista-Pesquisador”.

Núpcias inter-campos, inter-reinos, devir “...e...e...e-Pesquisador”, para que o agenciamento-academia tenha como lema a fome de Oswald de Andrade: “Só me interessa o que não é meu”³.

Ondas, um “*studio-ateliê* dos processos criadores”, uma pragmática dos procedimentos como ato afirmativo ético-estético e político. Eis a ficção que torna possível este movimento como pesquisa-experimento em proliferação de modos de existência. Aqui o único que nos move é fazer variar a matéria de expressão. Matéria que é viva, que contem infinitos seres-coisas que esperam pela invenção de uma percepção aberrante que os faça visíveis, que os faça audíveis.

³ (ANDRADE, 1990)

(Da lógica do experimento)

Uma ficção necessária antes de começar.

[10]

(Prelúdio)

Entrar pelo meio

[20]

(Introdução)

Seguir o ritmo...

[22]

(Interlúdio)

Da catástrofe

[30]

(I)

Ondas

[32]

(II)

Da escrita

[38]

(III)

Do dobrar das ondas

[41]

(IV)

Do preparo

[46]

(V)

Fazer (um) corpo com as ondas

[48]

(VI)

Entrar pelo meio, entrar pelo ritornelo

[57]

(VII)

Do ritornelo

[60]

(VIII)

Das sonoridades

[67]

(IX)

Duas infâncias que amavam o mar

[79]

(X)

Entrar pelo meio, entrar pelos procedimentos

[88]

(Coda)

Do desdobrar inesperado das ondas

[97]

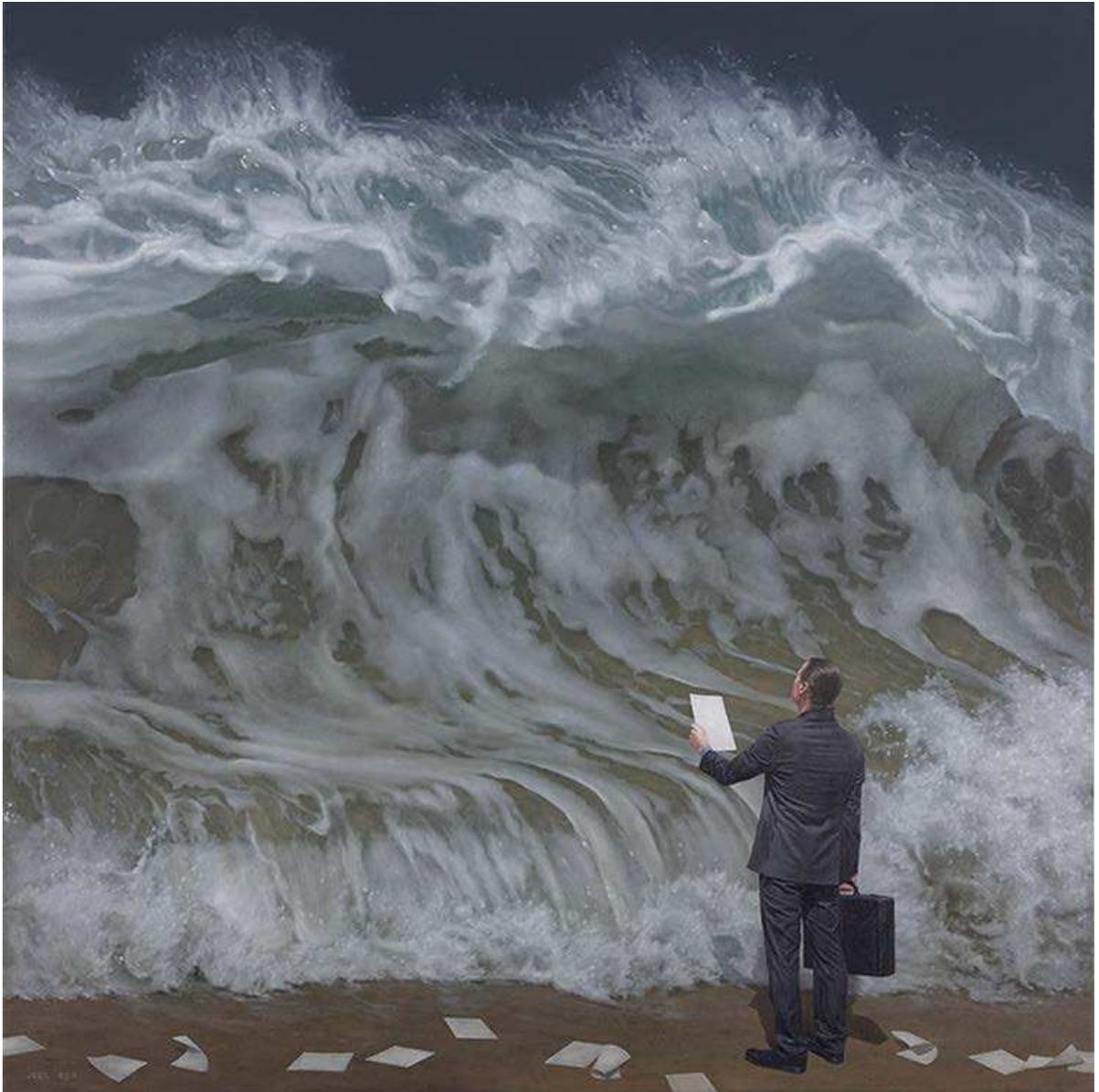
(P.S)

Viver o acontecimento enquanto acontece...

[107]

(Referências)

[116]



[by Joel Rea]

(Seremos dignos das forças que nos convocam...)

(Prelúdio)
Entrar pelo meio

WAVES PROJECT

in becoming waves

cartografias de uma aliança

ao encontro com e entre as ondas

por um artesanato cósmico

um experimento, um treinamento em pensamento-cinema

[\[http://wavesproject.tumblr.com/\]](http://wavesproject.tumblr.com/)⁴

Entrar pelo meio, entrar pela vertigem...

Sem ressalvas as ondas pedem um desbordamento constante.

Um deixar-se engravidar contínuo que encontra acolhimento na plataforma waves-project.

Não há como cuidar-se das ondas, só cuidar delas. Deixar-se inundar, esburacar, naufragar por elas.

Waves-project um berçário, uma prática de jardinagem marinha, um acreditar nas ondas, no mundo, dia após dia.

⁴ O prelúdio do experimento acontece na forma expandida da plataforma waves-project. Por favor acessar ao link.

(Introdução)
Seguir o ritmo...

*“Escrever nada tem a ver com significar,
mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda porvir.”
G. Deleuze*

*“My paintings are done by a filmmaker, sculpture by a musician, films by a painter, music by a
filmmaker, paintings by a sculptor, sculpture by a filmmaker, films by a musician, music by a
sculptor
... sometimes they all work together.”
M. Snow*

1.

Ressoa no fora de campo o som das ondas, o som do mar. Daniel Pollet⁵ nos deixou na beira de seu jardim escutando, sentido a matéria que dia após dia, *Jour après jour*⁶, foi povoando seu corpo. Da casa ao jardim, do jardim ao Mediterrâneo, às ondas. O filme acaba e com ele *sua* vida, ele consegue franquear a imagem como umbral, devir onda, devir imperceptível. *Uma vida*.⁷

Ressoa no fora de campo o som das ondas. Fora de campo ilimitado ou a imanência, que como precursor sombrio⁸ move o fulgor das intensidades que procuram sua atualização na expressão. Deixar-se contagiar pelo fora de campo de Pollet e torná-lo campo de experimentação. Seguir o ritmo. As ondas.

2.

Entrar em mar aberto, estar disposto à catástrofe, ao caos. Tornar-se um stalker,⁹ pensar só no risco e como risco, para poder ter o fôlego de quem segue uma baleia, de quem segue a Moby Dick. Anômalo¹⁰, na borda, procurando atingir às ondas. Difícil demais, estando sozinho, por sorte sempre se está em companhia, em aliança, em matilha. Deleuze.

Um amigo não é um barco, pelo contrário, só dá para nadar lado a lado, braço a braço. Mergulhando na profundidade da superfície, no meio, entre blocos de expressão, entre blocos de matéria-ondas, onde elas acontecem, onde elas forçam a pensar. Eis o convite à aventura, ao encontro com estas forças-ondas. Com Deleuze, mas também com outros. Sempre *com*, nunca *sobre* ou *a partir*, pois então teríamos perdido o ritmo, ficado só com fatos, quando o que procuramos é a potência afirmativa como acontecimento.

⁵ Daniel Pollet (1936-2004) Diretor francês, conhecido por filmes como “Méditerranée”, sendo seu último filme “Jour après jour” ao qual se consagrou o estudo “*Jour après jour... do possível no mundo: Notas para uma imagem áudio-visual*” Cf. (WIEDEMANN, 2014)

⁶ (POLLET, 2006)

⁷ Cf. (DELEUZE, 1997)

⁸ Cf. (DELEUZE, 1988)

⁹ (TARKOVSKY, 1979)

¹⁰ Cf. (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

3.

Seguir o ritmo, não detê-lo, é pensar por multiplicidades. As ondas já são multiplicidades nas suas infinitas dobras. Ora a onda como potência de pensamento encontra seu caminho e proliferação no conceito, ora na sensação, nos blocos de duração sônico-imagéticos que se imbrincam. Plano de imanência e plano de composição porosos e permeáveis que permitem uma circulação fluente do ritmo entre eles.¹¹

Expressão que se afirma entre estes dois planos, como prática envolvente e rizomática de heterogeneidades e conectividades, compostas por relações de movimento e repouso, de lentidão e velocidade.¹² Processo sempre aberto e de passagem, *work-in-progress*, entre conceitos, afetos e perceptos, agenciamentos dinâmicos entre meios. Processo colaborativo que aumenta a potência de agir, isto é, processo de amizade entre o filósofo e o artista, entre os blocos conceitual-poéticos de escrita e os blocos de sensação *áudio-visual*. Faces de uma mesma obra-máquina que como produção de produção se verte sobre si, sobre as ondas, sobre o mundo entre o orgânico e o inorgânico, procurando e trazendo o novo, a diferença como gesto ético de *uma vida*.

4.

Seguir o ritmo é se perguntar: O que pode um corpo? Não o meu ou o da onda por ela mesma, mas sim o da onda-obra-máquina como complexo de relações, como coletividade. Perguntar-se pelos afetos do mundo, pelos afetos da onda, procurando construir encontros alegres, encontros que se tornam devires e reservas de mundo. Intensidades para além de nós e das ondas, mas que podem voltar de modo impensado a elas. Combinações disruptivas de afetos, que em troca nos doam novas espécies, seres de sensação que no melhor dos casos podem compor uma ideia-cinema¹³.

¹¹ Cf. (DELEUZE; GUATTARI, 2007)

¹² (O'SULLIVAN, 2005)

¹³ (DELEUZE, 1999)

5.

Ondas como precursor sombrio, como experimento construtivo e composicional de multiplicidades, como experimento singular de um pensamento-cinema. Singularidade que emerge das próprias ondas. Imagens-sonoras em si mesmas, imagens-forças em processo constante de modulação e passagem, ritornelos incessantes. Elas não são só o fora de campo ilimitado que nutre as imagens de Pollet, mas a gênese mesma do procedimento formal que ergue *Jour àpres jour*. Seguir o ritmo é se deixar contagiar por essa ideia-cinema, *metalização bifacetada*¹⁴ como já a chamáramos no passado. Seguir o ritmo é levar uma intuição compartilhada com mais alguém, neste caso com Pollet, a seu limite até conseguir desbordá-la numa direção impensada e nova¹⁵.

6.

As ondas nos dizem: a maior reserva de intensidades encontra-se nas sonoridades¹⁶, nessas imagens-sonoras inesgotáveis que somos. Mesmo assim, já que nossa singularidade encontra sua afirmação num pensamento-cinema, as visualidades não são um problema menor. Pelo contrário, seguir o ritmo, demanda conjurá-las, pervertê-las no intuito por distanciá-las da triste relação que elas têm com a cultura audiovisual¹⁷ que as captura. Ondas como imagens-forças em processo constante de modulação, fluxo contínuo, onde seguir o ritmo demanda se aliar com uma lógica diagramática que possa reverter qualquer fixação.

¹⁴ Cf. (WIEDEMANN, 2014) “Processo pelo qual as sonoridades fazem devir às visualidades, podendo recuar e retroalimentar este processo. Pois é como se estes dois meios, que fazem o composto sonoro-visual, “compartilhassem a mesma sombra, que se estende através de sua natureza diferente e lhes acompanha sempre.” O composto sonoro-visual, uma mesma causa imanente que faz possível a *interferência* mútua. Esta sombra/causa imanente é o inaudível-invisível que entra em uma vertigem, em uma zona de indistinção, *passar-se* indiscernível entre o inaudível e o invisível, onde se dá um constituir-se visitante. Inaudível e invisível se *interferem*, visitam-se mutuamente, sem distinção, são um *passar-se* e fazem possível a passagem e o circuito Audível//inaudível-invisível//Visível. As *sonoridades* audíveis modulam-se, devêm moleculares, alcançando o inaudível, alcançando as sonoridades inaudíveis da imagem visual. Estas sonoridades inaudíveis, por sua vez fazem modular a matéria-luz da imagem. Circuito sustentado nas sonoridades, circuito reversível que faz à metalização bi-face, e ao ritornelo como possibilidade do cinematógrafo.”

¹⁵ *Ondas* como experimento de criação poderia ser pensado como a posta em limite da ideia-cinema metalização bifacetada.

¹⁶ Cf. (FERRAZ, 2005)

¹⁷ (RODOWICK, 1995)

7.

Pensar tão próximo como seja possível da onda até devir ela mesma. Pensar por suas sonoridades, por seus fluxos imagéticos, nos seus umbrais, nos seus ritornelos. Onda-obra-máquina como o processo imanente de se debruçar com seus procedimentos matérias, de onde com sorte podem emergir agenciamentos entre conceitos e ideias-cinema que possam potenciar este experimento, como um modo de artesanato cósmico¹⁸.

8.

Seguir o ritmo, experimentar, cartografar...

Seguir o ritmo, escutar sonoridades, pintar imagens. Prática expandida, onde sempre se está pensando/escrevendo/compondo/pintando cinema.

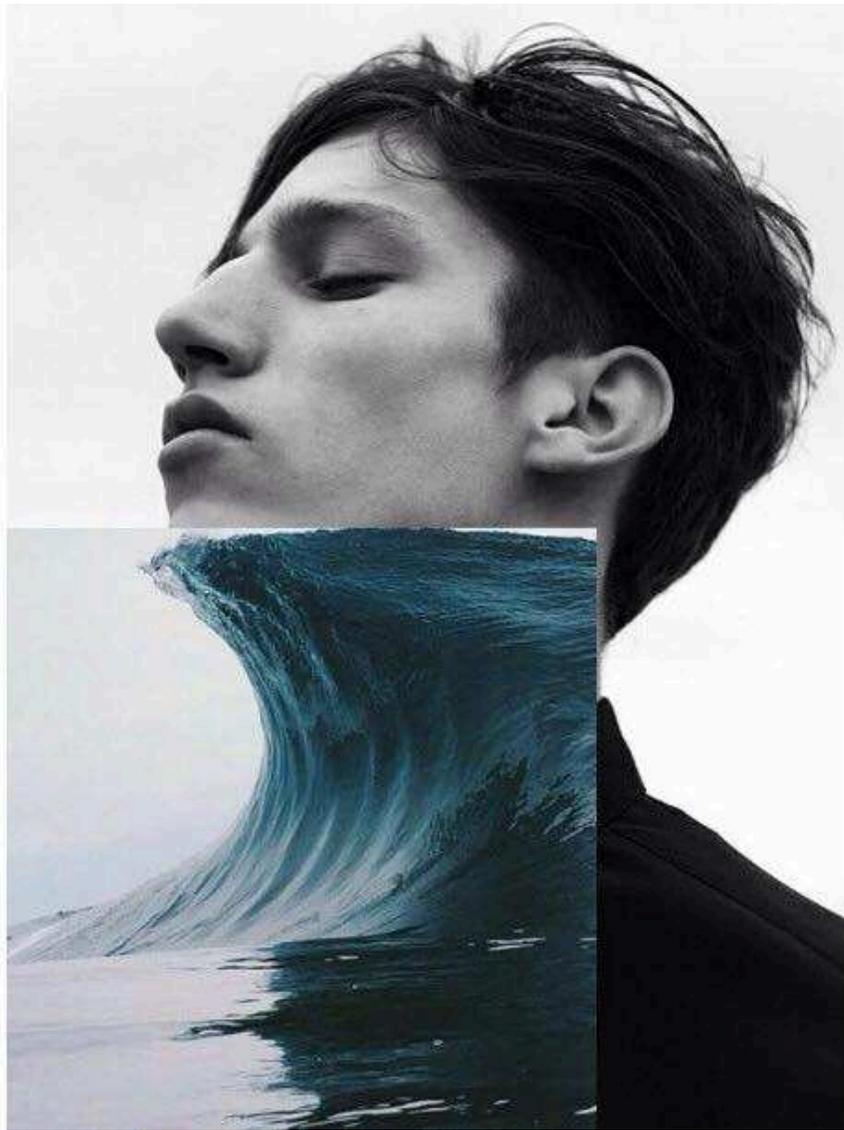
O verbo e os meios podem mudar/modular-se, mas no fundo sempre é o mesmo afirmar/perseverar no ser/nas ondas.

9.

Seguir o ritmo, seguir as Ondas, é aceitar sua inclemência, seu iminente estado de catástrofe, onde elas são pura devoração. Elas são o fora de campo de Pollet, mas em nosso caso um campo de experimentação à intempérie. Pura vertigem onde seguir o ritmo é aceitar que elas *devoram toda figuração em e com as imagens e sonoridades*.

¹⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

(...)



[by John Stezaker]

("Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo..." – G. Deleuze)

(Interlúdio)
Da catástrofe

10.

Algo se passou. A catástrofe chegou. Entre a ordem e o desastre, este interlúdio se faz necessário. Linhas acima disséramos: *Seguir o ritmo, seguir as Ondas, é aceitar sua inclemência, seu iminente estado de catástrofe, onde elas são pura devoração.* Sim, elas são pura devoração. Uma vontade – só uma vontade – de risco até aqui nos trouxe mais ou menos inteiros. Mas ao efetivamente fazer corpos com as Ondas, tudo mudou. Algo se passou. A catástrofe chegou. Arrastar... arrastar... O que a escrita até agora trazia, foi arrastado, foi devorado. Mas nunca como uma perda, pois a vida é pura transformação. Quem sabe, como uma intensificação de um bom encontro. Até aqui parecia muito mais um encontro com o filósofo, que com as ondas. As palavras do filósofo ressoando mais forte que o marulho das Ondas. Insistimos em seguir o ritmo... e justo seguir o ritmo é seguir as ondas. Isto é, entender que uma verdadeira amizade não é a que conserva, mas a que devora. Devorar Deleuze. Como mel na garganta, melando, embaralhando, aceitar que talvez o balbuceio é o modo de dizer com as Ondas. Uma língua desastrosa, que só de resto e nos restos consegue se erguer mesmo que seja para cair de novo, feita arrebenção. O bom encontro, talvez seja seguir só o ritmo do filósofo (aquilo que se passa entre as palavras como vontade de diferença), mas isso só pode acontecer seguindo as ondas. Uma vontade – não só uma vontade – mas um agir efetivo: seguir o ritmo... fazer variar as ondas, fazer variar a matéria de expressão, diferenciar. O experimento até agora acontecia na praia, já é hora de entrar no mar. Cada corpo do pensamento é singular, quem sabe depois deste experimento, voltemos a uma praia que não mais será esta, mas uma praia da imanência onde já não encontre o filósofo, mas tenha a sensação que algo efetivamente se passou. Uma amizade, uma devoração. Sombras silenciosas que se falam:

- “Sou um nevoeiro entre as coisas”

- “Sou um marulho entre as ondas”

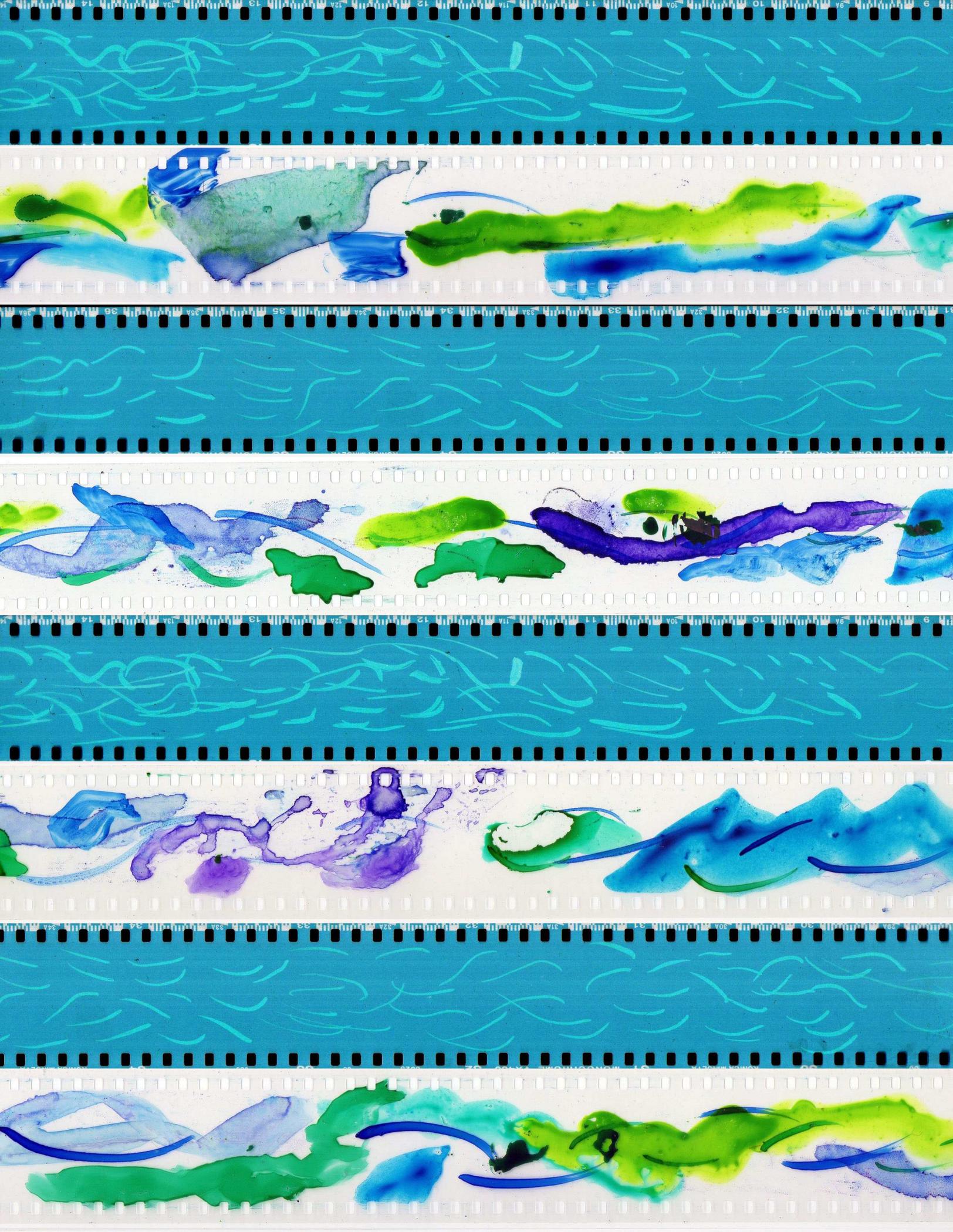
Não há certezas, só uma vontade. Seguir o ritmo... Antes um logo preparo.

(1)
Ondas

“Imagine um olho não governado pelas leis fabricadas da perspectiva, um olho livre dos preconceitos da lógica da composição, um olho que não responde aos nomes que a tudo se dá, mas que deve conhecer cada objeto encontrado na vida através da aventura da percepção. Quantas cores há num gramado para o bebê que engatinha, ainda não consciente do “verde”? Quantos arco-íris pode a luz criar para um olho desprovido de tutela? Que consciência das variações do espectro de ondas pode ter tal olho? Imagine um mundo animado por objetos incompreensíveis e brilhando com uma variedade infinita de movimentos e gradações de cor. Imagine um mundo antes de “no princípio era o verbo”
S. Brakhage

“De fato, só podemos buscar a unidade do ritmo lá onde o ritmo ele-mesmo mergulha em um caos, na noite, e onde as diferenças de nível são perpetuamente revolvidas com violência.”
G. Deleuze

*“A vertigem de ser pensado e devorado pelas imagens...
Sermos banquete para elas...
Cinema não é para ver, cinema se faz sendo uma toupeira, fazendo buracos na terra, olhos cegos de um idiota dostoiévskiano, que de tanto insistir na matéria do mundo inventa um olho, que não é dele, que não é próprio, que é o olho do furacão.
Um insistente dizer “vem... vem...” às imagens, à vida!”*
S.W



11.

Ondas

[\[https://youtu.be/B2Med8LbWow\]](https://youtu.be/B2Med8LbWow)

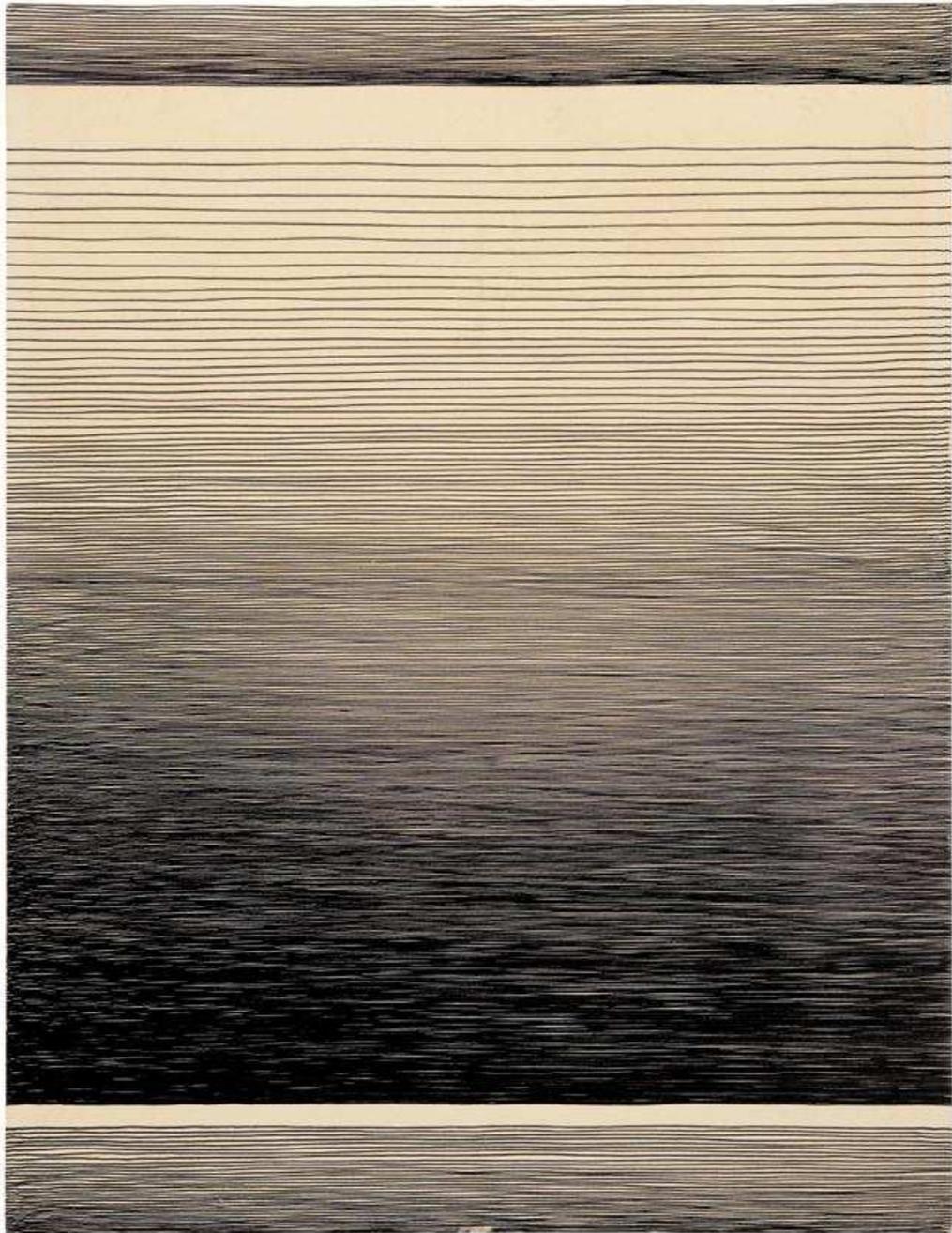
35mm to HD

9min40

Cor/Estéreo

2015

***** VER E ESCUTAR COM FONES E EM TELA COMPLETA *****



[by Michel Seuphor]

(II)
Da escrita

12.

Escrever que também é filmar, filmar que também é escrever.

A escrita como um *grafismo-material* que não é mais do que preensão de forças. Lugar onde linhas deixam fios soltos para puxar forças. Escrita como ecoar, ressoar num *vai... vem...* com a matéria audiovisual, um (re)apresentar-variado. Uma variação rítmica que continua no papel.

13.

A expressão, as ondas não podem ser compreendidas ou ditas, mas só experimentadas e a escrita é mais uma superfície desta experimentação-filme. Não se para, não se conclui, se passa, se vai, se volta, sempre pelo meio fazendo da escrita um livro aberto que é como uma onda, que é um desdobrar constante.

14.

Dispor-se para o encontro com as ondas. Perguntar-se por seu afetos e escrever com eles.

As Ondas são seres que escapam, seres como puro escape-arrebentar. Estar com elas, escutá-las é acolher sua língua-arrebentação. Dispor-se a ser arrebatado, a não conter, a escapar. Um recomeço constante, um estado infinito de nascença, um efêmero durar, um dançar na crista, um esgotar de tanto se arrebatado.

Escrever como os afetos das ondas: escapar, arrebatado, arrastar.

Compor um plano construtivo com esses afetos no papel, ser digno deles, ser com eles, devir-onda. Nunca poderemos ser uma onda, mas podemos ter uma onda na cabeça. Deixar-se polinizar por elas. Germe-ondas em nós, que nos força a pensar por vazamentos, escapes, arrebatamentos, fugas.

15.

As ondas sempre são curtas, fazer corpo com elas é fazer da escrita também esse movimento curto, mas muito intenso. Fragmentos, pensar entre fraturas, compor um pensamento leve e de superfície, como nota, aforismo, resto. Uma escrita, que escapa, que

passa, que faz passagem, que dobra e desdobra, que se arrebenta, repete, volta e recomeça. Que a cada passo tenta redobrar a aposta. Que a cada passo se diz resto e faz buraco.

16.

Escrita-ritornelo, escrita-vai... vem, escrita-vem... vem... sem objeto, sem sujeito. As ondas passam, passam por uma vontade de arrastar. Escrever por uma vontade de variar, de experimentar. Conectar, inundar sem contar, vai... vem de escrita em catástrofe. Puro desastre. Resto, buraco, passar de intensidades.

(III)

Do dobrar das ondas



17.

Ondas, como dobra que vai ao infinito, como múltiplo que é dobrado de muitas maneiras. Elas são uma tendência de transbordamento, um apelo à fluidez e elasticidade dos corpos. Turbilhões dentro de turbilhões.

18.

Ondas, superfícies porosas se esburacando em puras passagens que se deixam penetrar por um fluido cada vez mais sutil, que ora transborda filme, ora transborda papel. Na sua fluidez e dureza, isto é, na sua resistência, as ondas inventam uma elasticidade que da expressão às forças. Elasticidade que como dobra do pensamento, que como corpo flexível do pensamento se compõe e decompõe em movimentos curvos entre superfícies que passam pelo grafismo feito palavra ou a ondulação feita traço. Ondas, dobra-desdobra, agregado-desagregado que é matéria-tempo em tender-distender, contrair-dilatar, comprimir-explodir constante.

19.

Desdobrar é ir de uma dobra a outra, de uma onda a outra, de uma imagem a outra, de uma folha a outra, de um fotograma a outro, de um fotograma a uma folha, de uma folha a um fotograma. Desdobrar como potência de inflexão, como potência de afetar. As ondas se desdobram entre um fazer-escrita e um fazer-filme para afirmar sua elasticidade como vórtice que contem a potência da diferença. Ondas-desdobrar-elasticidade que sempre é uma mistura, uma passagem, mas também sua singularidade. Um brincar livre, um passar por passar, um passear por passear, onde as inflexões como puro acontecimento é o que passa fazendo de cada dobra-desdobra lugar de cosmogênese, vertigem de turbulências.

20.

Não há plano ou superfície que seja privilegiado para esta inflexão, para esta potencial precipitação. As ondas vazam, vazam, passam, transbordam aqui e ali e a sutileza catastrófica de seu fluir atinge papel, filme, conceito. A variabilidade de sua tendência esta

só dada por uma diferença de velocidade que define uma resistência, uma dureza ou fluidez, uma turbulência com uma determinada matéria. Eis sua singularidade, sua propensão a compor materiais diversos que afirmam as forças do mar. Forças que se dobram e desdobram, que definem e apagam seu contorno. Ondas-espuma, ondas-arrebentação. *Vem... vem...* buraco, que já é onda, mas que ainda não saiu da escuridão. Dobrar-desdobrar para envolver. Ondas como envoltório das forças de vida que no desdobrar se atualizam. Inflexão-inclusão, incluir a diferença na matéria, no papel, no filme, no buraco.

21.

Ondas são ondas entre ondas, a escrita é ondas entre as ondas, filmar é ondular entre ondas. Passar de superfícies porosas que já contêm todas as ondas e onde o que acontece a cada desdobrar é a afirmação de pequenas percepções sem objeto, de micropercepções alucinatórias. As ondas já contêm o mundo inteiro, sua queda, sua arrebentação, sua potência cósmica. Marulho que dança com as moléculas de vida que não param de se fazer e desfazer em todas as direções. Direção-traço, direção-palavra, direção-escrita, direção-filme. Ondas como pura passagem entre a casa e o cosmos, sendo que o um já contém o outro. Ondas como ritornelo de ritornelos.

22.

A percepção, como conglomerado de forças, tende a pulverizar o mundo, mas também a fazer da poeira, cósmica. Toda percepção já é molecular e cada superfície como limiar de velocidades perceptivas fará com que ela no seu ondular ganhe sempre uma outra consistência-variação. As ondas só continuam, por que a cada inflexão trazem à superfície singularidades, por que prolongam a inflexão-precipitação até a vizinhança de outras singularidades. Relações de distância e proximidade, de afinidade e ressonância que fazem possível a dobra. Dobra-filme, dobra-papel, elasticidade-ondas que já contém em si a potência de singularidades-traço e singularidades-palavra como afirmação do ritornelo-ondas em infinita modulação.

23.

Estamos com as ondas, só percebemos e se dá expressão nas suas dobras. Apreendemos elas como forças sem objeto, apreendemos elas na poeira-espuma cósmica que soergue do caos, poeira-arrebentação que não se prevalece, que passa, se desfaz, segue... Poeira que voa crista e cai vida. Poeira que desdobra o mar nas ondas. *Vem... vem...* me joga no buraco. Não vejo no mar, vejo nas ondas. Escrever, filmar, pensar... Ondular... dobrar-desdobrar!

(III)
Do preparo

24.

Do preparo do corpo ou de como abrir todos os poros para tornar potente o encontro com as ondas.

Abrir a casa e no seu inundar abraçar o mar.

Vem... Vem... Como resposta, só ser possível uma doação infinita.

No meio estar...

Abandonar a casa como alegria, folia, orgia desmedida.

No meio ter uma prudência, uma sobriedade, se perguntar pela vida.

Fazer o bom encontro, se jogar e entre superfícies passar.

Um mesmo movimento, uma disponibilidade, um infinito variar.

Ritornelos de ondas, mas sobretudo de vida.

Nunca um diferido, mas um diferir.

Dispor-se imagem, dispor-se ondas, dispor-se para a vida.

Fender aqui e ali, abraçar o mar, abraçar o risco, dizer-se ruína que por entre as ondas se abre caminho. Um deslocar do buraco.

Um cair no ritmo.

(V)

Fazer (um) corpo com as ondas

“As condições da época em que a vida ainda não havia saído dos oceanos não se transformaram muito para as células do corpo humano, banhadas pela onda primordial que continua escorrendo nas artérias. Nosso sangue, de fato, tem uma composição química parecida com a do mar das origens, de onde as primeiras células vivas e os primeiros seres pluricelulares tiravam oxigênio e outros elementos necessários à vida. Com a evolução de organismos mais complexos, o problema de manter o número máximo de células em contato com o ambiente líquido não pôde mais ser resolvido apenas por meio da expansão da superfície exterior; foram favorecidos os organismos dotados de estruturas ocas dentro das quais a água marinha podia fluir. Mas foi somente com a ramificação dessas cavidades num sistema de circulação sanguínea que a distribuição do oxigênio passou a ser garantida para o conjunto de células, tornando assim possível a vida terrestre. O mar, no qual outrora os seres vivos estavam submersos, está agora encerrado em seus corpos.”

I. Calvino

25.

O que pode um corpo?

O que pode um corpo com as Ondas? Corpo como variabilidades da percepção, corpo como Ondas variando a percepção.

Com elas desfazer-se de toda organização. Sempre precários. Frágil ordem a ser inventada. Exceção, irrupção. Sempre abertos, dispostos ao encontro: o fora... As Ondas.

Com elas mergulhar em infinitas variações de velocidade. Olhares, escutas, rápido ou lento demais. Sentidos em estado vibrátil. Aproximação incessante do movimento que escapa, mas que por isso, sempre se faz, sempre acontece, sempre passa. Percepções-outras em proliferação. Olho, ouvido, corpo-mergulho, corpo que nas Ondas vaza.

26.

Olhar como perder-se, então sentir/dizer:

Nós ainda não vimos nada!

Nós ainda não vimos nada, pois o corpo não é um dado imediato, mas sim um processo a ser desdobrado infinitamente.

Nós ainda não vimos nada, pois ver/perceber é sentir a vertigem do impensado.

27.

A catástrofe faz o bom tempo.

Corpo-catástrofe, atmosfera de tempos.

Tempo-onda do recomeço.

Recomeço dos tempos na Ondas.

Corpo em tempestade de tempos futuros.

28.

Soltar as âncoras, flutuar âncoras.

Não mergulhar no lugar, mas mergulhar o lugar. O buraco, as Ondas.

Vizinhanças moleculares, em silêncio, escutar, perceber, as Ondas...

Estar perto-junto-dentro.

29.

Acontecer como trânsito,

Um estrangeiro de passo,

Com elas, não se reconhecer, trânsito renascer.

-Entre-, não se sai, jamais se volta.

Segue, segue, acontece...

Cai, cai, no buraco renascer-se

30.

Entre um movimento e outro, linha flutuante do tempo,

Nevoeiro que nos engole, indeterminação que nos consome.

O infinito que fulgura em silêncio.

Roer do tempo, buraco dentro...

31.

No risco, nossa humanidade levada ao limite.

Arrebentar, destroços sem nome, só resto ficar.

Resto-molécula-do-mar, recomeço Ondas, esquecimento de nosso lugar

Nós-mergulho-lugar, nós-buraco-ondas-recomeçar.

Nós, Devir-deslimite! Imperceptível, o cosmos respirar.

Estrangeiro, desequilíbrio. Corpo precário, frágil balanço.

32.

Corpo esparramado, moléculas soltas alegremente pulando no buraco.

Corpo, onda em expansão.

Ondas alegremente arrebatando.

Perder-se, o infinito habitando, o cosmos respirando.
Vento em infinitas direções, Ondas como sopros inesperados.

33.

Arrebenta, recomeço! Arrebenta, recomeço!
Ar-rebento, nas Ondas um corpo, nascendo!
Inumano em silêncio, como trânsito, segue, segue o acontecimento...
Emergir de um certo – *estado de estar vivo* – impessoal.
Germinar, buraco-ondas, ovo cósmico, no limiar vida-morte, vórtice, potência sem nome.

34.

Farfalhar deformante,
decomposição de nossa humanidade,
Degradamo-nos, estamos em estado de decomposição constante, para que esse outro possa
aparecer,
possa a-par-com-nós-ser.
Ondas, murmulho de formas vazantes!
Com as Ondas se dizer borda.
Fronteira, isca, faísca de vida!

35.

Um certo – *estado de estar vivo* –,
As Ondas passam, nos passam, seguem sem nós, nos deixam sem nós. De nós fazem um
levar fora.
O fora nos leva dentro, as Ondas de nós fizeram um avesso.
Calar, nós-mundo-fora, Ondas, pular buraco dentro.
Cosmos que nos devora!

36.

Trânsito que inventa vidas,
novos modos de existência se respiram.
Cheiro de Ondas, explosão cósmica.
Conexões que desbordam!

37.

Pura possibilidade sem dono.
Doação infinita, *-estado de estar vivo -* anônimo.
Esquecemo-nos de nós mesmos.
Nossa humanidade: infância infindável!

38.

Infância de moléculas, de partículas...
Brincar sem medo com as Ondas.
Criança que se inventa na arrebentação com elas,
Criança que se venta no partilhar de átomos que de nós faz ondas que vidas outras
- pequeninas - levam.

39.

Ondas, terra inominável, paragem ilocalizável,
Fronteira, borda que se arrebenta, fluxos que se desencadeiam.
Estendido, ínfimo, corpo disperso na imensidão,
Criança, passagem de pura proximidade.
Tudo esta na mesma distância! Perto-junto-dentro com as Ondas!
Velocidades e flutuações se inscrevem, nos des-escrevem
Ondas escrevendo lembranças de uma criança-floresta-marinha porvir, de uma correnteza
de vida, arrastão por-explodir!

40.

Dilatar e comprimir, sanfona de pura expressividade.

Pouco importa o que fazemos, deixar-nos fazer pelo mundo.

As Ondas se lançam no corpo, nós nos lançamos *entre* o que somos e o que seremos.

Segue, segue o acontecimento...

Entre, devir-desconhecido...

As Ondas. Imperceptível! Acontecimento!

41.

Tudo é descoberta, sem medo brincar com elas!

Catástrofe é o que se almeja!

Sem medo, procurar a queda!

Corpo-ondas, a catástrofe criando tempos na crista! Fendas...

Gênese perceptiva! Tempo-espaco em êxtase! Fendas...

Dilatar do corpo, ondas preenchendo, engravidando os poros! Queda!

(...)

42.

Variar incessante, vertigem, passagem do invisível,

Corpo-ondas, espirais, enrolamentos.

Dobrar Ondas, passar mundos, circular murmulhos: O cosmos!

Gênese de um corpo desconhecido, improvisação de nascenças: A onda que arrebenta!

43.

Entrecruzamentos,

Corpo-ondas-vida,

Vidas escoando, ondulando

Campo experimental ondulatorio,

Corpos, vidas, ondas vibrando!

44.

Imperceptível,

Superfície comum de existência,

Algo se passa entre as imagens.

(Não importa o que é a imagem, mas o que se acontece entre as imagens)

Durar... tempo da catástrofe, tempo de infâncias e nascenças sem medida.

Tempo onde uma nova percepção pode brotar, rebentar!

45.

Doação infinita! Amar de corpo-ondas!

Embaralhar de sentidos, olhares-escutas disjuntivos.

Emergir só no mergulhar, só buraco, penetrando, com as Ondas gozando!

Ondular do olho, do ouvido, encontro como buraco perceptivo.

46.

Profundidade de superfícies,

Sair se afundando,

Não se começa, não se termina

Embriaguez de deslimites, jorrar de Ondas nas Ondas.

Imanência, de quem respira e tira fôlego da vertigem-queda constante do buraco-ondas.

Não se começa, não se termina,

Segue, segue, acontece...

47.

Puro risco, devir...

Perder-se no mundo,

Improvisar na queda, no durar flutuante de tempos aberrantes, no esgotar das Ondas.

Fissura, continuar,

Variar... Variar...

Mergulhar uma vez mais...

(VI)

Entrar pelo meio, entrar pelo ritornelo

48.

A onda se repete e a escrita como grafismo das intensidades escoas as componentes do conceito ritornelo, tentando devorá-lo na tensão com o papel, fazendo corpo com ele, fazendo material com ele. Tentativa por fazer proliferar e modular a multiplicidade que ele já é. Abri-lo e dar-lhe expressividades novas no atrito que o material-cinema e o material-escrita podem traçar entre cortes, articulações e superposições.

49.

Está-se com as ondas, pois é preciso correr um risco, pois é preciso se adentrar numa vertigem que nos force a pensar, a ter um problema. Problema que se diz em uníssono fazer variar a matéria de expressão e com ela as próprias ondas, assim como atingir com essa variação o cosmos. Que a variação das ondas seja uma variação cósmica. É neste ponto onde nosso problema encontra uma íntima simpatia com o ritornelo e não com outro conceito. Pois pareceria que o operador de tal agenciamento de expressividade construtiva ou se quer artesanato cósmico *é um compositor que tem um pintor na cabeça, mas que por alguma (des)razão faz cinema*. Problema que se faz rico nas bordas do cinema em encontros aberrantes com a pintura, mas, sobretudo, com a música. Algo a pintura e a música têm a dizer ao cinema. Se o que se procura é variar e ter um mínimo de aderência para atingir um devir molecular e como ele o cosmos, as sonoridades e o ritornelo tem muito a nos ensinar. O som nos invade, nos empurra, nos arrasta, nos atravessa, nos joga no buraco negro ou nos abre para o cosmos. Está-se com as ondas, pois é preciso correr um risco, pois é preciso se adentrar numa vertigem; me joga no buraco, não o negro, mas o que contém todos os cromatismos e ritmos de vida, buraco das bioluminescências. Está-se com as ondas, pois elas já são em si mesmas ritornelos que como forças indomáveis atravessam a vida, a terra, o cosmos. Campo problemático que se reinventa a cada arrebentação, campo atravessado por inúmeros ritornelos e que chamaremos de *campo experimental ondulatório*, onde as Ondas vez por vez podem abandonar tudo para renová-lo menos o mar, pois ele é o incomensurável que nos força a pensar, que nos instiga a criar encontros e a gritar em cada arrebentação: Me joga no buraco! Mais infinito, por favor! Ondas, essa anomalia, borda do

mar que nos arrasta, que nos faz perguntar pela vida, que nos pede levar ao limite os modos como a variação pode se precipitar na matéria de expressão.

50.

Matéria-filme, matéria-escrita, que ganha frágil e efêmero contorno na palavra, no traço, na mancha. Matéria de expressão que modula suas velocidades para atingir um máximo de umbrais perceptivos na passagem entre superfícies. Ondas-filme, Ondas-escrita, Ondas-conceito, Ondas-imagens-entre-imagens, Ondas-dobras-desdobras infinitas.

(VII)
Do ritornelo

51.

Vai... vem das ondas, sua repetição define a cada vez seus afetos. Afetos que penetram outros afetos, ondas se destroçando ondas. Um ritornelo-ondas que é incorporado por todo meio que elas atravessam.

52.

Plano de composição, atravessado por uma matéria fluida em estado constante de nascença. Surtos de vida nômade. Matéria que sempre escapa, que sempre fura, que se desborda. Vontade que diz *vem... vem...* passando, variando.

53.

Superfície-ondas como membranas, como zonas de passagem. Membrana-filme, membrana-papel, onde nos aderimos só um pouco para depois nos deixar arrastar de novo pelo caos que nos doa uma variação. Proliferação de vida! Caos, como meio de meios. A onda antes de nada leva sempre dentro o mar. Mar onde tudo nasce, onde tudo coexiste, onde tudo muda, onde a diferença é o que fura.

54.

Abrir-se aos ritmos. Eles são o que nos move.

Variar, passar, extravasar.

Eles são o que nos traz uma diferença, o que emana da relação entre-meios, entre-superfícies.

Balançar que dá consistência enquanto do caos se alimenta.

Ritmo como o desigual, como a diferença por ela mesma, como o germe mesmo do estado de nascença. Precursor sombrio que move a vida, que nos faz passagem de passagens.

Abrir-se aos ritmos nas ondas, abrir os ritmos das ondas. Pura desmedida, afeto-arrastão, deslimite como propensão.

A onda só se repete para poder arrebentar, instante quando o som inaudível de seu ritmo se faz grito.

55.

Sua moradia é o mar e a marca de sua moradia é o desmarcar constante, a arrebentação. Entrar na moradia das ondas é aceitar o convite a ser pura arrebentação. Não o arrebentado, mas o puro arrebentar.

56.

Fazer expressivo o ritmo, eis o porquê de sua variação.

Expressividade-Ondas, como marcas-desmarcas que dão móvel contorno à moradia-arrebentação. Arrebentar como esse devir expressivo das Ondas que ao mesmo tempo faz ao mar, que ao mesmo tempo é devir do mar.

Fazer de qualquer coisa matéria de expressão, fazer das Ondas mar em explosão!

57.

Estar com as Ondas, convocar um encontro potente com elas. Talvez porque o maior problema da expressão e do pensamento seja o ritmo. Como movimentos de vida, elas nos trazem movimentos de durações livres e desiguais. O desigual entre linhas de tempos flutuantes é o que pedimos para poder repetir a potência da diferença. Durações que se ampliam ou contraem, velocidades outras às habituais. Fugas, instabilidades que movem a vida. Ondulação incessante, onde as ondas como o movente do pensamento, são uma desfiguração constante, um retrato impossível, uma manipulação, uma modulação infundável.

58.

Sem referências, sem orientação, em todas as direções, são uma complexa articulação que faz possível o aparecer de ritmos e não só do ritmado. Ondas, seres vivos em variação contínua, corpo a corpo de intensidades sem dimensões localizáveis. Ondas como uma constante vivida como variação.

59.

Tudo pode mudar de um momento a outro e tomar direções inesperadas. Estar atento, em preparo constante para abraçar em qualquer instante a queda no buraco. Uma expressividade sem fim, geomorfismo que abre a casa-ondas, que joga ela de modo singular contra as pedras, contra o vento ou no meio do povo bioluminescente. Sem função no seu afeto-arrebeito as Ondas-seres inventam um estilo, inventam um modo singular de dar expressão à vida. Seguem... seguem... arrebeitam, esburacam. De novo, pela primeira vez: Uma expressividade sem fim... (esburacam).

60.

Chez moi, perto-junto-dentro com as ondas. Autonomia expressiva que passa por elas, as faz e desfaz. Impessoal, segue... segue... processo construtivo e coletivo que acontece pois *chez moi* é sempre *chez autre*. Na fuga da casa-ondas é que acontece um estar perto-junto-dentro com elas. Elas, que sempre são um conglomerado outro e anônimo. Ondas-anomalia proliferante. Zona de florescimento aquoso. Ondas, seres-expressividade interagindo, compondo. Tsunami de afetos em catástrofe. Povos, populações marinhas em colisão expressiva. Emaranhados de vida, possibilidades construtivas.

61.

Encontros, arrebeitações-ondas, arrebeitações-outras. Ondas, aglomerações deslizantes, marginais e itinerantes. Ondas, heterogeneidades em enrolamentos, simpatias, simbioses canibais. Um longo preparo, abraçar o buraco, penetração dos corpos, fazer o bom encontro. Arrebeitam... Arrebeitam... Casa-ondas em catástrofe. *Vem... vem...* cosmos me arrebeita!

62.

Consolidação em todas as direções. Ondas, atol de vida, fervilhar de matérias não formadas e de funções não formais. Intensidades soltas, possibilidades de expressão que fazem da casa-ondas, sempre outra. Casa-ondas que só se ergue na aberrância de seus movimentos, na estranheza catastrófica das populações-forças que a atravessam. De(s)colar das ondas

sobre elas mesmas. Um mundo diferente! Novos emaranhados, ondas passam, algo se passou: uma nova disposição dos conglomerados, renovar da expressão, corpos que se penetram de modo impensado!

63.

Expressividade construtiva, mar de vida caudaloso e incontível. A casa-ondas é inundada, tudo nela se arrebenta. Elas são pura arrebentação que arrasta e flexibiliza a matéria de expressão em novos amontoados. Ondas, uma dissolução e recomposição vertiginosa entre corpos. Vertigem que acontece a cada vez, como a primeira vez, vez por vez.

64.

Deixar-se cair no buraco. Tudo molecularizado. Uma fúria sutil e maleável atravessa as ondas, leveza de quem se desfez das formas, o mais fino manto branco que nos protege do caos. Deixar-se cair no buraco. *Vem... vem...* cosmos me arrebenta!

65.

Nada se conta, se passa, as ondas passam. Seguem... Seguem... Deslizar sem fim, um nomadismo, um espaço liso. A invenção de uma terra que em si já é arrebentar, arrastar, escapar. Murmulho das ondas, marulho do cosmos!

66.

De(s)colar das Ondas, um tempo é arrancado, um tempo não pulsado de velocidades e lentidões infinitas. Uma propensão de mistos como ato expressivo. Ondas, zona de proximidade onde os povos que a atravessam lançam diagonais ao vento criando blocos de coexistência. Uma navegação nômade com o vento, o som e as cores do mar, onde tudo é arrastado num devir outro, num devir molecular. Flutuantes, as ondas são linhas mutantes do mar, emaranhados em todas as direções sem interior ou exterior, sem direito ou avesso. Elas dão expressão ao mar, ao incomensurável e liso que é o mar. Ondas blocos rítmicos que (nos) levam mar adentro, cosmos fora. Arrebentam!

67.

Protegem-nos do caos, mas como puras expressividades construtivas que se dizem *abandonar a casa*, nos unem com o cosmos. Ritornelo, *Vai... vem... Vem... vem...* marulho do cosmos! Ao mesmo tempo *Casa-ondas-filme*, *Ondas-casa-abandonada*, *Ondas-catástrofe*, *Ondas-nascença*. Ondas, num mesmo movimento, proliferação de vidas, coexistência de tempos! Elas sempre voltam, nunca deixam de se dizer Ondas, mas sempre em graus de potência diferentes. Elas, nos unem, sendo ligações de diferença, traçando um plano cósmico, seguindo a cada vez uma simbiose singular e irrepitível da matéria, mas que mesmo assim volta, se repete, se arrebenta. Vez por vez, nunca se cai igual no buraco.

68.

Ondas, um chamado a improvisar, a unir-se, a confundir-se com o mundo, com o mar. Ondas, um errar, um equívoco produtivo, linhas soltas, errância coroada, celebração das águas. Corpo a corpo de forças criando uma terra. Uma terra que contém todos os povos, as águas, os ventos; que contém sua queda, seu arrebento; que avança nômade, desabando e criando cristas, desabando e explodindo faíscas! Terra, sussurro que diz *Vai... vem... Vem... vem...* No seu intermezzo, abertura para as forças do cosmos, corpo a corpo molecular! Relação direta entre as forças e o material!

69.

Casa-ondas-terra, *Ondas-arrebento-cósmico*! Operações muito concretas, uma a uma, vez por vez, devorar, devorar o filme, devorar as superfícies sem reserva. Devoração de devoração, pois somos imagens de imagens! Corpo a corpo, êxtase canibal da matéria de expressão. Sobriedade, dignidade de quem escapa às formas, mas só para entrar na vertigem vitalista das forças! Sobriedade que amplia os limites da terra em fugas cósmicas! Arrebetam, arrebetam, no seu movimento são sua própria fuga, de(s)colar das Ondas!

70.

Intensidades, densidades! Ondas, pura vontade de ritmo, do desigual, da diferença. Ondas como pura superfície, como pura posta em superfície das forças, do molecular... Um mundo misterioso e secreto acontece nelas. Mundo que se inventa a si mesmo e à medida que o faz se destrói. Um amor, um a-mar, o buraco!

Ondas, *vai...vem* entre a casa e cosmos. *Vem... vem...* catástrofe que nos conjuga. Pequeno e grande ritornelo: me arrebenta, me joga no buraco! *Vem... vem...* Infinito!

(VIII)
Das sonoridades

*“um gesto &
uma estratégia de articulação &
uma série de escapadas, não previstas pelo primeiro ritornelo,
nem pelo gesto.
Poderia colocar assim a fórmula do ritornelo.”
S. Ferraz*

71.

Compor, dar expressão como a possibilidade de criar esse lugar comum para estar com as Ondas, uma casa-ondas-filme.

Entrar e sair da casa-ondas, uma e outra vez...

Ritornelo, no que se volta sempre diferente.

Abandona-se a casa, para voltar sendo outro,

Devir.

72.

Fazer ouvir e ver, esse *vai... vem...* de entrar e sair,

Casa-ondas, que aparece ao se inundar, que varia ao se esvaziar,

Buraco, *life engine!*

73.

Abandona-se a casa,

Abandono de nós mesmos,

Abandono, doação, puro resto.

(...)

Ser arrastado, casa desfeita, puro resto,

A onda arrebenta, casa feita em novas terras, puro resto.

Do resto-recomeço, novo centro, movimento outro, me jogo, jogo de restos, jogar os restos, outro centro.

Ondas-casa-recomeço.

74.

Casa-ondas-filme,

Formas e matérias desmanteladas,

Montar as ondas, mas elas são puro desmonte,

Vai... vem... de partículas-seres girando, dançando sem centro de antemão.

Forças descentradas e anárquicas,
Forças-mônadas, centros-universos em si mesmos.
Forças-ondas-fissuras, aparecer de novos buracos, de novos ritornelos.

75.

Vai... vem...

Abandona-se a casa, abandona-se o presente, o passado, nos arrebentamos no futuro.
Ondas, produtoras de espuma-futuro,
Formas e matérias desmanchadas,
Espuma, fervilhar de seres bioluminescentes, germes-de-vida vindos do futuro.

76.

Novos buracos, novos ritornelos, onde voltar é queda, é arrebentação infinita em potências de fazer ouvir, de fazer ver com sentidos impossíveis ainda a serem inventados ou que se inventam pura queda, pura arrebentação, puro resto.
Trans-olho, trans-ouvido fugitivos, escorregando buraco fora, experimentando... experimentando...
Experimentando as ondas como lugar do impossível, do furtivo, do fugitivo...

77.

Abandono de nós mesmos,
Fuga da casa,
(...)
Devir...
Ondas, puro plano de fuga,
Advento continuo de catástrofe porvir.
No cosmos se fundir!

78.

Ondas, zona de pura instabilidade e turbulência.

Casa-catástrofe,

Expressividade em manipulação constante.

79.

Voltar sendo outro!

Outro que só aparece nos entre-meios,

Não se vê com os olhos, não se escuta com os ouvidos. Percebe-se no buraco que se abre quando os abandonamos.

Entre-meios, lugar precário das Ondas, das infinitas conexões.

Não vejo, nem quero ver. Não escuto, nem quero escutar.

Só conecto, prolifero, arrebeno: ritornelo.

Passo, me fugo, vou, venho, me perco, me jogo, sou puro jogo. Futuro, conecto!

Vai... vem...

Vem... vem...

Passo de ar-rebentos, invenção de tempos!

80.

Compor o ritornelo:

Cortar, arrebeno, arrastar.

Entrar, engravidar, montar, desmontar!

Voltar, abandonar, espumar.

Divagar, relentar, acelerar!

Entrar, arrebeno!

Des-cortar, montar, voltar.

Vagar passar cortar engravidar

Entrar-arrastar-divagar-relentar-relentar...

Passar-passar!

Espumar...
Espu-mar
Pump-ar
Pump air
Ventar!
Ondas no ar!
Cortar, queda, acelerar,
Jump air
Queda, mar, espumar
Mar entrar,
Voltar, engravidar, montar.
Arrebentar!
(...)
Ondas amar!

81.

Inventar um segredo,
Som inaudível, mas visível das ondas!
Elas chamam, *vem... vem...*
Elas mandam fora, mar-adentro, dentro-fora das ondas.
Casa-ondas-filme sempre alheia, sempre por primeira vez nela. Percurso novo de cada vez.
Processo aberto, nascente uma e outra vez.

82.

Ondas, material do mar, afeto-mar,
Fazer/desfazer do caminhar, do passar, do mergulhar. Mas nunca um caminho, um passo,
um mergulho.
Emaranhar-desfiar do mar.
Caos disparado mundo dentro, ondas arrebento fora. Encruzilhada de afetos. Desbordar do

mar.

Desabar do mar.

Ondas-demolição, ondas-catástrofe, ondas-composição.

83.

Improvisar ondas, improvisar mundos. Improvisar... visar de impossíveis.

Bagunçar, criar, arrebentar

Provisórios, efêmeros encontros

Fendas de caos, buracos de futuro

Desabar do mar, perder-se onda, improvisar...

84.

Ondas como acontecimento de apreensão,

Composição sem a priori, desmemória do mar, memória de risos-mar inventar.

Ondas, emergir de matéria-mar.

Material-buraco, arrebentar.

Ondas, acontecimento diferencial.

Variar, variar... ondas amar, ondas desmontar!

85.

Variações, material-ondas em queda

Quebra, dobra do mar.

O liso de uma rugosidade que move, que faz devir o mar.

86.

Ondas-composição que faz escuta, que faz vista, antes que fazer escutar ou ver.

Fazer o movimento, sem parar de se mover. Manter-se no móvel do movimento.

Ondas que movem escutas e vistas que não se consomem. Fungível é impossível. Mas o impossível é o que nos move.

Variar, variar... escutas devoradas por escutas. Movem-se. Movimento de vistas das vistas.

Se movem.

Ondas, improviso infindável do móvel!

87.

Olhos e ouvidos em todas partes, mar de afetos nas ondas.

Olhos e ouvidos colocados em cada molécula-ser ondas.

Nem fazer ver, nem fazer-se ver.

Nem fazer escutar, nem fazer-se escutar.

Mas fazer escutas, fazer vistas. Criar olhos/ouvidos-ondas.

88.

Cosmos que se diz ondas,

Ondas, variação infinita,

Olhos/ouvidos-cosmos.

Forças desatadas,

Morar no abandono de estado-ondas,

Viver o acontecimento enquanto acontece.

89.

Ondas, *vai... vem...*

Ritornelo, *vem... vem...*

Repetir a condição do diferente, a (im)possibilidade do diferir.

Vem... potência de tornar sensível as forças-ondas que estão no futuro.

Vem... repetir a vertigem do buraco que nos joga no futuro.

Vem... repetir o germe da catástrofe.

Vai...vem...

Ondas que arrebatam!

O futuro monta a crista.
Ondas que se quebram!

90.

Vai... vem..., diferir, povos porvir!
Fazem-se escutas, fazem-se vistas.
Surpreendo-me! Eis um povo impossível. O povo das bioluminescências!
A matéria atingido um des-limite, um devir!
Queda no buraco, emergir de um murmulho de vida impensado!
Ligar o cosmos com o mar, fervilhar das ondas,
Bioluminescências dançando em espiral, dançando numa infinita diagonal.
Olhos/ouvidos-cosmos, potência alienígena, futuro que grita!

91.

O que podem as Ondas? Com quem elas são?
Repetir de uma potência. Potência do vento, mas de toda uma fauna e flora marinhas desconhecidas. O povo das bioluminescências! A voz de uma incessante nascença!
Arrebetam, arrebetam, *vem...* da diferença.
Vai... vem..., a população se reinventa. O povo das bioluminescências, o vento, o mar, o arrebetamento.

92.

Entrar nas Ondas,
Passar, sair pelas suas forças,
Voltar pela saudade de futuro,
Passar de novo, sair-ondas,
Renascer povo, renascer outro!
Saltar fora das Ondas, para cair de novo em elas, sendo elas mesmas outras. Matéria-ondas que devora matéria-ondas!

Soltar das âncoras, Ondas dentro, mar fora.

Vertigem aqui e ali,

Tudo se fez, tudo se desfez, tudo as Ondas levou, tudo o buraco sugou.

Renascer!

93.

Ondas, corte, irrupção, modulação. Desvario do mar, inconstância frágil que repete o dentro no fora-arrebentação. Ondas-acontecimento, o que nos adentra nelas é ao mesmo tempo nossa própria queda.

Suspensão-mergulho-devoração.

Abraçar sua crista em todas as direções.

Salto, corte, irrupção. Impossibilidade de organizar as ondas. Modulação, só dar expressão!

Ondas-acontecimento, tecer, dar consistência, construir a casa no movimento de abandoná-la.

Só é possível entrar nas ondas fugindo!

Ondas, corte, salto!

(...)

Um desconforto, um desassossego, possibilidade de não ser o mesmo!

Curvar outro dos corpos, olho/ouvido redobrados, reinventados!

Muda-se de lugar, ganhar lugar nesse outro tempo!

Ondas que arrastam, instabilidade que tritura hábitos! Um buraco!

94.

Um corte, salto no buraco!

Ondas-legião! Povo das bioluminescências, vento, mar, arrebento.

Ondas-legião: um material!

Comunidade que se entrecruza nas Ondas, para levar a matéria ao limite.

Instabilidade das formas, balaço entre a matéria e sua desmaterialização. Forma a deformação, potência de variação, plano de composição.

Ondas, cortes, saltos! Blocos de sensação!

Zona de constante mutação. Sussurro do mar, marulho do cosmos. Forças! Ondas que arrebetam! Forças! Ondas, zona contingente que se experimenta!

95.

Ondas-legião: material-forças! Sem causalidade, sem fim, ondas passam, passam, se arrebetam, a vertigem segue-segue...

Pura relação que torna sensível o inascível do cosmos. Ondas de sensação!

Ondas, mar de conexões, razão de diferir, modulação.

Ondas, um espectro, um *continuum*, durar dentro deste *continuum*, tempo de eternidade que não veio de lugar nenhum e não parece ir a lugar algum.

Ondas, que não seguem, nem colocam no tempo, mas que criam o tempo.

Ser tragado, ser sugado, tudo acontece nas escapadas... Ondas, joguem-me no buraco!

96.

Escapadas impossíveis que articulam gestos. Fazer o ritornelo!

Ondas, arrebetamento!

Ondas, fazer o gesto, corte, vento, mar, arrebetamento,

Modulação bioluminescente, povo porvir, se faz o movimento!

97.

Ondas-casa-filme,

Uma catástrofe que liquidifica a realidade,

Desfazer do conhecido, ondas que a cada gesto existem por primeira vez,

Ondas, seres erguidos de um mar impossível, mar-filme de futuros.

Desfazer das formas, emergir de forças cósmicas!

Esquecimento de tudo o vivido, potência alienígena de vida improvável!

Ondas-legião: povo-ondas abrindo uma terra aquosa inominável!

Vem... vem... me arrebenta, me devora...

Pulverizar das ondas que ao cosmos nos joga!

(IX)

Duas infâncias que amavam o mar



98.

Estar com o mar, amar o risco, em movimentos aberrantes chover-se ondas.

Chover-se em sinuosidades, um levar ao limite, um encontro que é levado ao limite: Elas nos chovem!

A escrita não é traço de limite, com elas, com as ondas é traço levado ao limite. Escrever, estar com elas como modulação que se faz com o que escapa: ventos, marés, sussurros, suspiros...

Uma vertigem, um rasgar-se. Elas nos chovem!

Infinidade de linhas, traçar de fios em tempos desvairados. Tempos ondulados, tempos entre ondas conectados. Ali a expressão é resto daquilo que escapa. Trazer à presença a escapada, povoar de superfícies inapreensíveis.

Escrita que se chove ondas, que se inunda superfícies de vida.

Crianças que brincam, que esqueceram dos nomes e dos pronomes. Verbos molhados e com fome: Chover, viver, passar, ondular, durar...

Confundiram-se com elas, com as ondas, pois nunca se tratou de nós, mas do que passa através e entre nós.

Pequeninas, as infâncias respiravam pela pele, uma respiração cutânea de abrir puros e levar ondas dentro. Assim respiravam, assim faziam continuar ritmos e compartilhavam o chover de risos.

Um mergulho no silêncio das ondas, um pulo dentro da fúria cósmica.

Pele-casa-devoção, as ondas as devorou. Crianças mortas, infâncias renascidas outras, invenção de memórias porvir com o mar, com as ondas... Saudades de futuro, saudades da

arrebentação que esta porvir.

Estado ondas-mundo em propagação.

Na intempérie, numa catástrofe alegre dos sentidos: uma colisão. A casa aberta, elas nos chovem! Elas nos dançam corpo fora e nos jogam abismo-crista. Fragilidade de erguer uma vida no meio da tempestade.

Ter fôlego, abraçar as ondas, abandonar da casa, pura inundação. As duas infâncias estando perto-junto-dentro se perceberam gêmeas. Uma delas *vem... vem...* a outra *vai... vem...* Balanço de um corpo-ondas, de um corpo-oceânico, de um campo de perdição, de constante arrebentação. *Vem... vem...* Me arrebenta!

-“Então vamos viver na ruína, na casa que se esvazia, no mar aberto, na onda que se avizinha. Mar-teu-corpo-perto, mar-pura-perdição. Ondas, minha moradia sempre diluída”

Da casa abandonada fazer um jardim, um jardim de anêmonas, que quando encontram novamente um a-mar, um ondular ao redor transbordam e se arrebentam cor em movimentos delicados. Um fervilhar de bioluminescências.

Estar perdido, sem orientação, só sabendo que elas nos chovem. Ondas que não nos deixam achar nome para o que nos consome. *Vem... vem... vai... vem...* de restos. Lá vem ela, mais um arrebento.

As duas infâncias dançando na beira, não na beira do mar, mas na beira das ondas dentro do mar. Beira-desbordar, feitos espuma dançar.

Vem... vem... e *vai... vem...* espalhados espuma o cosmos começaram a escutar. Seu balanço destilando buracos. Uma densidade das ondas feita lava borbulhando superfície fora, jardim de anêmonas ardendo cosmos, renascendo vento.

Transe de ritmos, rodopia de corpos, êxtase das infâncias que entre os destroços alegres das anêmonas dançam. Jardim povoando as ondas e elas devorando o escandir das bioluminescências. Sopros de vida! Elas passam, tudo levam. Corpo-ondas que extravasa.

Uma porosidade, *vai... vem...*, as ondas embaralhando mundos. *Vem... vem...* ondulante, doação-arrebentação.

Vem... vem... devora, *Vai... vem...* mais devora, banquete de fome infindável com as ondas. Devorar a escrita, escrita-ondas, devorar o filme, filme-ondas. Alianças excitando a vida, infâncias vibrando desmedidas.

Pequeninas se perdem na imensidão do mar, granulares se recolhem nas ondas. Balançar que escreve, que filma o desastre. Uma vertigem... As ondas, elas nos chovem!

Gêmeas, na correnteza, *vem... vem...* faz tsunami, *vai... vem...* na expressão desmancha seu ser, se faz pura demolição.

Sempre já, desde sempre no meio do mar, elas, as duas infâncias dançam empurrando o limite. Afirmação de alegrias em limites imanentes. Um contato, um tato... *Vem... vem...* acaricia, *vai... vem...* arranha, rasga, faz de toda estria uma linha lisa.

Pequeninas e ondulantes em sua dança enlouquecida movem umbrais e abrem campos perceptivos outros entre limites. Dançar-experimentar, perder-se nos des-limites que esburacam e fazem brotar, que se vertem e fazem emergir populações desconhecidas.

Emergir de vidas, como respirar dentro da onda, como pegar fôlego no próprio buraco. Pura nascença que se alimenta do impossível. *Vem... vem...* deformando, *vai... vem...* modulando. Elas nos chovem, as ondas. Elas nos chovem, nos fazem deserto molhado.

Seres marinhos se infiltrando entre as palavras, mas deles só podemos perceber bioluminescências como ruína de nomes e reinos. Um silêncio estelar povoando o mar. Forças oceânicas engravidando as ondas e as duas infâncias farfalhando sem parar.

Uma alegria desmedida, que só pode ser dita molecular. Devoração! Elas nos chovem! As duas infâncias bem sabem escutar o murmúlio ondulante que sendo pura queda, diz que só pela ruína-fim de um mundo, é que se pode continuar...

-“Coragem de ser frágil” diz *vem... vem... Vai... vem...* se pulveriza e se deixa cair nas bioluminescências. Dança de quem se diz pura queda, de quem na superfície mergulha. Uma violência alegre, um improvisar a vida no – se arrebentar –. Um sair do sufoco, um perder o contorno.

As ondas se dobram *vem... vem...* se enrola, as ondas estouram *vai... vem...* o deserto convoca. Espalhar, expandir de ritmos, superfícies porosas em proliferação. As duas infâncias, feitas oferenda para o mar, feitas devoção.

Elas nos chovem! As ondas que tudo o roem, que deixam o mundo sem margem ou da margem fazem borda em infundável decomposição. Fender, misturar, agitações cósmicas em copulação.

Populações, seres-coisas marinhos em germinação, *vem... vem...* explodindo fios luminosos na escrita, no filme, em toda composição.

Vem... vem... me arrebenta!

Vai... vem... feito destroço, das ondas se alimenta. -“Demolir, espalhar tudo” diz.

-“Vamos começar pelo fim” repete.

No meio *Vem... vem...* bagunça tudo, abre caminho e as ondas vibrando caem tempestade de cor. Corpos-ondas, naufrágios de sensação.

Atônitas as duas infâncias entenderam que vibrar é estar junto.

Seguir as ondas chover com elas. Captar tudo para fazê-lo explodir! Vibrar! Nem a casa, nem o abandono, mas sua ondulação. Vibrar! *Vai... vem* se fez arrebatamento!

Do outro lado *vem... vem...* num sussurro gritado diz: “só o que passa enquanto deixamos... enquanto nos deixamos... Perder os sentidos, perder a orientação”.

Vem... vem... e *vai... vem...* inventado um corpo que era pura devoração.

- “Quando as nuvens e o mar perdem dimensão e a erva ondula pintando o azul de floresta, terra que cachoeira se derrama e a casa leva.” Não se sabe quem deles falou.

As duas infâncias levando a devoração e devoção dentro, nômades avançavam no mar entre os arrebatos das ondas, onde não parecia que fossem elas quem se moviam mas sim tudo a seu redor. Uma arquitetura impossível e efêmera de casa-corpo-cosmos sobre as cristas inventavam. A sua queda, feitas poeira, era o que inventavam.

Há algo que só pode se dar por dissipação.

(...)

Perdição, ondas, oferenda...

As duas infâncias jogaram um grito gêmeo para as Ondas: – “me dissipa, me faz ruína, me faz pó, me faz chuva, me desfaz numa perdição só”.

Duas infâncias, afetos de a-mar.

As ondas são isso, um estado de catástrofe e nascença constante, olhos d’água que não veem, mas jorram.

Vem... vem... faz buraco de mim!

Vai... vem... se dispôs onda e na sua beira feito pura queda *vem... vem...* o empurrou. Mergulhando na superfície perceberam que suas infâncias se alimentavam do segredo do povo das bioluminescências. Outrora anêmonas, a população se manifestava agora sob um

lema “As serpentes têm que seguir os peixes”.

Mas, de perto, as duas infâncias só viam dragões marinhos que continham todas as cores do mundo.

Uma impossibilidade de determinação, um deixar-se perceber sem ser percebido, um traço mutante.

Talvez tão só uma alucinação, um delírio. As duas infâncias tinham esquecido os nomes e os pronomes, só lembravam de verbos molhados e com fome. Passar, passar, deixar passar e variar aquele povo anônimo das bioluminescências. Passar sem contar.

Pedir infinita licença, disponibilidade total para se doar, para se deixar devorar no encontro.

Um banquete de a-mar, – me desfaz numa perdição só –, fome de mundo, de mar. Infâncias, ondas e bioluminescências, sem saber o que fazem, mas se fazendo e desfazendo numa orgia de afetos. Desmanche molecular.

No êxtase da devoração, no colapso de qualquer razão *vem... vem...* cantou:

”Doação infinita!

Doar-se mundo, ao mundo, ondas, mar!

Nascença constante,

Lançar-se,

insistência infundável.

Doar-se para que algo impossível aconteça.

O mar é pura duração, é pura doação...

Tocar, escrever, fazer traço de modo impensado.

“Nós” é questão de doação, de arrebentação!

Fervilhar das bordas...

Coragem de ser frágil, de se abrir pequenino por soltar tudo.

Coragem de carregar a vida e ficar resto.

Resto em que nada resta, a não ser criar.”

As duas infâncias entenderam que elas mesmas faziam parte do povo das bioluminescências, dessa população inominável, mas profundamente proliferante. *Vem... vem... e vai... vem...* eram puro delírio ondulante. Seu *estar junto* gêmeo com o mar no meio das ondas era o próprio delírio. Seu balançar, como o próprio traçar das bioluminescências mas também de qualquer força convocada pela catástrofe que se fizesse linha aberrante. Elas o sem-nome, o sem-propriedade do movimento do mar feito expressão nas ondas e seu fios soltos, as bioluminescências.

Vibrar é *estar junto*, é se pulverizar e do mar fazer jardim cósmico.

- “Vibrar, onde cair é nosso estado constante”, disseram *Vem... vem... e vai... vem...*

Vibrar, perder-se na população inominável, improvisar-se energia sutil, deixar-se inundar onda.

Vibrar, jorrar grãos-linhas de luz, que não se afundam, que germinam na superfície como atóis flutuantes.

Vem... vem... num alegre sussurro cantou mais uma vez:

“Não podemos dizer *nós*, mas elas que nos chovem, que nos convidam, que nos invadem, que nos devoram; nos podem emprestar uma voz.

Por populações e em populações dispor-se mundo, doar-se ao mar, em ondas arrebentar.

Vem, vamos dançar junto!

Vem, vamos ser mais pequeninos, as ondas-jardim-cósmico nos pedem essa doação.

Vem, vamos ser dignos, deixar que brotem em nós e que nos devorem.

Vem, que tudo nos atravesse, que tudo nos arraste.

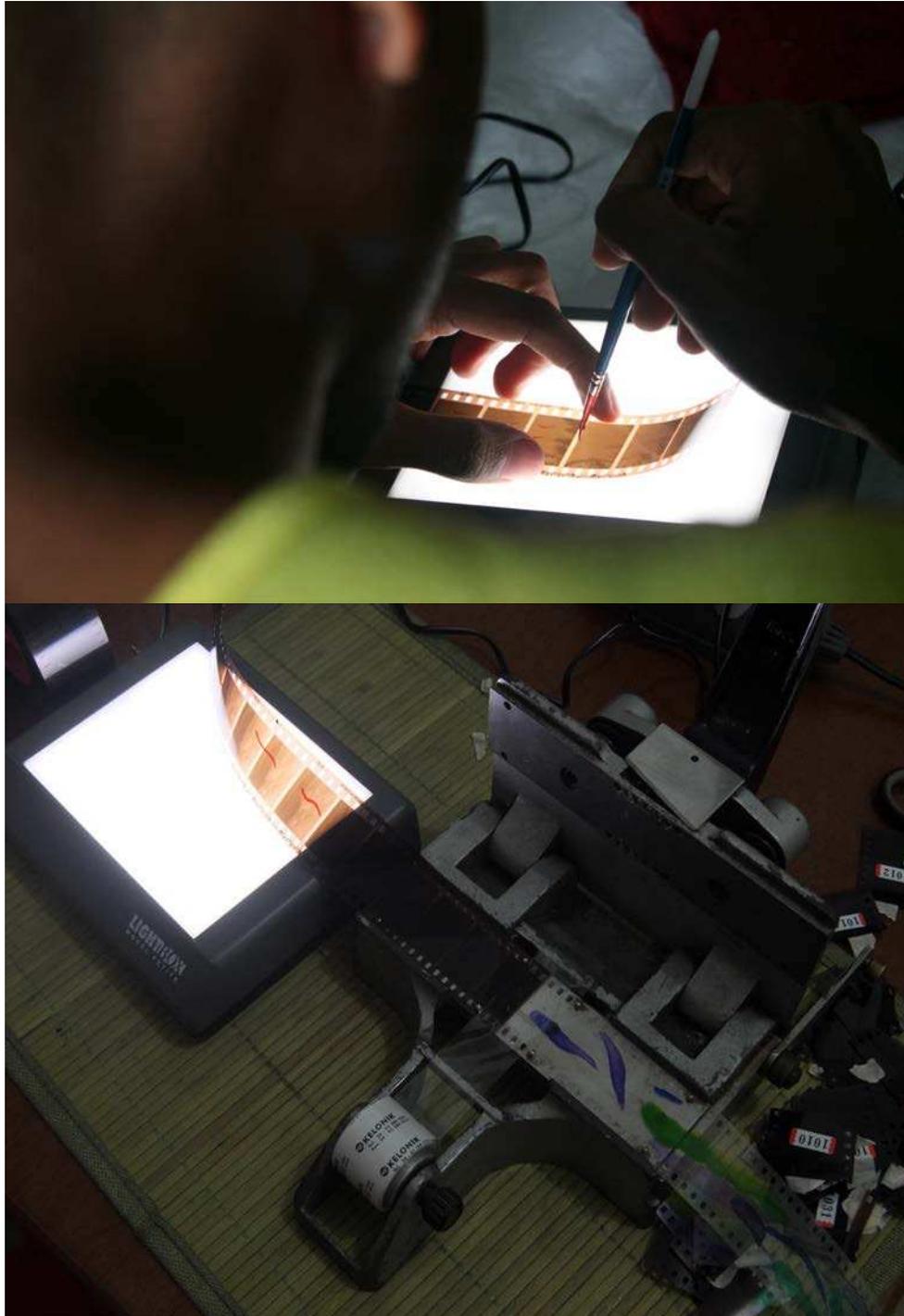
Vem, sejamos dignos de sentir a queda que somos”

Vai... vem... calou é se arrebentou!

(X)

Entrar pelo meio, entrar pelos procedimentos

99.



100.

Impossível deixar de ser cineasta ao escrever, descrever como aparecer das forças, *posta em presença* delas no papel.

101.

Uma vontade pequena, uma prática delicada e ínfima de fender a matéria. Há um infinito que quer ser desdobrado. Finos gestos que repetem uma mesma vontade pequenina: Fazer variar a matéria de expressão! *Fazer corpo com as ondas, fazer ritornelo com elas!*

Um longo preparo, um pedir licença para poder estar junto com elas. Um meditar, um respirar na mesma frequência. Sentir, entrar na sua cadência. Repetir com elas, na arrebenção perder-se no seu ritmo, na sua inclemência.

Um apelo a uma fragilidade como condição para deixar-se afetar pela matéria e com ela, com as ondas compor um material consistente. Deixar-se rasurar pelas forças do mar que as ondas fazem passar. *Sem a priori se jogar!*

102.

As imagens são seres-coisas do mundo em si mesmas, são pura relação e qualquer vontade de projeção seria um gesto de tristeza sobre elas, qualquer vontade de impressão de realidade por fora delas seria uma miséria, pois elas já são uma realidade em si mesmas. Nesse sentido, não é de uma prática fotográfica que aqui falamos, mas sim de uma apreensão de fotogramas como envolvências de intensidades, de forças sempre fugitivas das ondas. Fotogramas como micro-blocos de sensação e potência de variação. Fotogramas não como captura, mas como possibilidade de fuga. Dali que a relação com o dispositivo sempre seja uma relação de equívoco, de precariedade e instabilidade, vontade afirmativa do errar como potência de errância no e do pensamento, como potência de devir. Cada fotograma é vórtice de uma catástrofe de tempos não pulsados.

103.

Fotograma por fotograma, sentir como elas escapam. Um buraco, um intervalo incomensurável entre as imagens. A cada fotograma a passagem se diz salto no abismo. Cada imagem um recomeço, uma nova fuga para as ondas. Uma descontinuidade necessária, se se quer fazer o movimento e não só dar uma impressão de movimento.

104.

Superfície-filme que tenta se dobrar sobre o mar, mas o encontro entre a superfície-mar e a superfície-filme é choque de tempos. As ondas vão rápido demais e o filme só pode alcançá-las indo devagar demais. Alcançar que é fazer durar o efêmero de suas intensidades enquanto escapam. A cada fotograma a invenção de um novo tempo, o apelo de uma arrebentação que só acontece no futuro.

105.

Insistir, insistir, repetir uma e outra vez o gesto. Fotograma por fotograma, como modo de estar junto com elas. A cada imagem se arrebentar com elas, não para atingir 24 quadros por segundo, mas para a cada quadro convocar o eterno que há em cada segundo.

106.

Nunca fazer fotogramas como vontade de ver, pois ver se diz pura perda. Mas na vontade de efetivamente se perder, já não mais ver com os olhos, mas jogar todos os sentidos ao mar. Fazer fotogramas para escutar o inaudível que há em cada arrebentação. A onda já é desde sempre uma sonoridade e se há algo a ser percebido nela é sua força fugitiva. Força que nos obriga a inventar uma escuta impossível que se diz sonora e visual. Força que convoca um doar-se até o imperceptível que há em nós. Isto é, doar tudo até os sentidos que ainda estão por ser inventados, deixar-se inundar pelo mar e fazer do corpo um gotejar que não escuta como algo dado, mas que se perdendo na própria onda se faz escuta como o som e o respirar de estar dentro dela.

107.

Tentar *fazer a imagem*, mas assim que ela começa a aparecer se dissipa. Nos materiais, é eterna na curta duração de seu instante deixando entrever suas potências antes de se desdobrar de novo em outra coisa. As ondas impõem um *procedimento de desertificação*, fazer do espaço um campo liso e nômade. As ondas nos pedem uma radical solidão, aquela que já conecta com populações que só podem ser futuras. As ondas berram desertos e pedem a cada arrebatamento um despovoamento para repovoamento de outro modo.

108.

Vibrar com elas, fender sua matéria e sentir que não estamos no mundo ou com as ondas, mas tornamo-nos com o mundo e com elas. Povoamento impensado, que é devir por sermos uma sombra entre elas. Sombra que se gasta, que se esgota, que satura cada grão de onduliferação. Sombra que faz turbilhão, bloco de vizinhança e zona de indeterminação. Confundir-se com as ondas, para que a percepção não seja mais nossa, para que elas sejam em si mesmas pura percepção, puro fervilhar de micro-percepções delirantes sem objeto ou sujeito.

109.

Insistir, insistir no ritornelo que são as ondas. Muito mais que dobrar o fotograma desdobrá-lo, sair do quadro, fazer passar as forças infinitas das ondas pelo indeterminado dos entre-quadros. O cosmos não passa pelos fotogramas, mas entre eles.

110.

Desertificar, isto é, o próprio filme como superfície-celulóide tem que ser arrebatado. Um cinema sem moldura, que se faz pura escuta, mas que com os sentidos naufragados só consegue fazer do filme um deserto com a mão. Abertura do plano de composição para o ilimitado ou para o traço e a mancha desencadeados.

111.

Fazer deserto, se dizer puro abandono, puro desterro. Desapego das superfícies, elas são pura passagem e passar entre elas é a condição da variação, é a condição de fazer das ondas uma terra sem pressupostos, sem lembranças. Fazer de cada fotograma um deserto ao violentá-lo com a fúria de cada traço.

112.

Os traços, só querem passar, só querem criar um desequilíbrio perpétuo que ao mesmo tempo é o aparecer de um povo, o povo das bioluminescências. O povo nômade do deserto marinho que se diz salto demoníaco onde da visão brota uma trans-visão.

113.

Traços-linhas-modulação abrindo-se para o cosmos, afirmando a cada passo a força diferencial de uma ondaliferação. Traços-corpos se desfazendo até dissipar-se numa pura explosão de cor-luz. Advento das manchas como fosforescências dos próprios seres-coisas do mar que entre as ondas encontram sua gênese temporal. Isto é, a fissura por onde os ritmos se propagam. Ou o que é o mesmo, a própria modulação das ondas na sua passagem entre meios, na sua passagem por procedimentos diversos que as transportam como diferença, faz do tempo uma pura plasticidade. Eis a lógica do ritornelo, plasticidade dos tempos que se imbricam.

114.

Compressão e dilatação, síntese de tempos que passa pela maleabilidade do filme. Tempo da mão que encara a vertigem de pintar fotograma por fotograma. Tempo da projeção que condensa o tempo da escala do fotograma no tempo de velocidades súbitas da exibição.

115.

Manchas como explosões ondulatórias e selvagens que contem todos os afetos da fauna marinha. A memória do oceano explode a cada arrebenção com elas. Memória que é pura

matéria fervilhante. Ondas-manchas escapando tinta, ondas como vagas-lumen... que são a própria catástrofe. Catástrofe que não tem profundidade, que é a vertigem das superfícies. Ali a matéria ascende de um sem-fundo que é luz em si. Ali a matéria conhece o tempo do deserto que se confunde com um campo de infinitas potencialidades como céu que se desmorona, pois carrega a energia de todas as cores. Tempo da queda infinita, da arrebentação, do encontro entre heterogêneos, do acontecimento...

116.

Insistir, insistir, fazer mancha fotograma após fotograma, ritornelo de desfazer a imagem e fazer o deserto. Fazer o deserto, fazer a cada mancha das ondas uma pura matéria intensiva, uma população molecular. Uma composição trêmula, que se delira a si mesma densa e ligeira, que abre ritmos que crescem, decrescem sutis e furiosos.

117.

As ondas pedem para ser pura passagem, suas forças nos navegam e seu movimento de *vai... vem...* traz e leva, roça-bordeia, inunda-choca, devora-engole, expulsa... Deixar-se escorregar, florescer e flutuar por elas. Aceitar que na sua passagem sempre nos pedem um novo corpo. Corpo que não almeja águas mais tranquilas, mas sim águas de arrebentações contínuas.

118.

Fazer variar a matéria de expressão. Como seres de baixa aderência às ondas abandonam o filme, a superfície-celulóide. A força marinha que cada vez se faz mais desértica pede uma certa aridez na sua aquosidade, que os grãos de ondaliferação ganhem uma outra densidade, onde a escuta impossível que é convocada possa estourar mais vorazmente.

119.

Um corpo feito a partir da poeira do deserto, um corpo que já não só se arrebenta traço e mancha, mas também pixel. As ondas agora se confundem com uma bruma que é puro campo molecular, campo necessariamente turvo, sujo e alucinatório. Um cinza cósmico se

acentua por força de baixa definição, um cromatismo é explorado a partir de uma espécie de cinza primordial. Isto é, o deserto das ondas é povoado por um certo estado gasoso. Um engendramento constante das condições do deserto se repete e varia.

120.

Uma percepção nas dobras que finalmente começa a ser audível para um tímpano, mesmo que este seja alienígena. A bruma-ondas feita de mil dobras imperceptíveis, de uma poeira de pequenas percepções, pouco a pouco começa a se fazer audível em dobras maiores num agenciamento-sintetizador. Sopros, ruídos, rumores, tremores, perturbações se deixam escutar, ou para melhor dizer, começam a arrebentar e devorar esse tímpano recém inventado.

121.

As ondas, sem orientação, agitadas e prontas a se dissipar, circulam entre a superfície-pixel e a superfície-sintetizador, sendo que todas as superfícies por onde elas passam coexistem. Filme, fotograma, quadro, traço, mancha, todas suas variações são arrastadas juntas e juntas como percepções em si mesmas e sem objeto preexistente na sua arrebentação como estado de nascença constante, engendram o corpo que lhes seja digno, que lhes corresponda na medida de fazê-las mais potentes. Corpo que dá corpo ao estado alucinado que é estar na poeira do deserto, na intempérie das moléculas.

122.

A superfície-sintetizador modula, experimenta, improvisa uma e outra vez as ondas até perder-se nelas como possibilidade de um novo corpo. Superfície vazante e em recombinação constante, nômade criando mundos divergentes que não são sossego para tímpano algum, que não deixam que ele tenha uma fundação, mas que são possibilidade de uma demolição incessante.

123.

Sintetizador, pixel, fotograma, mancha, traço, como *procedimentos de desertificação*, no seu ser ritornado repetem uma e outra vez: “é preciso ser pura catástrofe, pura demolição, para sem fundação tudo recomeçar no deserto”.

124.

Cada procedimento, uma variação, um modo como as ondas se singularizam. Elas passam, passam e nosso insistir nelas só pode se dizer *fazer de cada passagem um deserto*. A potência de cada procedimento, esta no seu abandono, em ser uma doação infinita. Cada procedimento, um modo de fazer naufragar os sentidos no mar, um modo de inventar um corpo sempre em catástrofe com as ondas. No desmantelamento de um corpo *a priori* é que podemos estar com elas, essa é nossa única dignidade diante do mar e de sua expressão feita ondas. Fazer de cada procedimento uma arrebentação, explodir um globo ocular, um tímpano e na ausência de orientação tatear com uma mão que não vê, mas escuta e vibra. Fazer de cada uma destas superfícies-variação o lugar sempre precário, instável e efêmero de uma jardinagem marinha como o cuidar das ondas para que estas floresçam no deserto.

(Coda)

Do desdobrar inesperado das ondas

“Um continuum de presença sonora, tal como seria percebido por tímpanos submersos a 30 pés d’água, ou mesmo por nossos tímpanos, caso se sensibilizassem para a contínua presença que os toca. Tímpanos tocados por uma constante presença de ondas, portanto: um tímpano-instrumento, tocado pelo mundo. Todo instrumento musical é um nascedouro de ondas, mas para fazer nascer tais sons, busquei um específico: um sintetizador.”

H. Rocha

*“Sensação de ir e vir.
Como se o corpo fosse paulatinamente esburacado pelas palavras, como castelo de areia se desmanchando com a cheia da maré.
Caminhada tornando-se tsunami.
Como se aquela onda tivesse ficado marcada no cadenciado da minha andança errante.”*

I. Isis

*“Logo que as primeiras palavras foram lançadas, meu corpo quis se desfazer.
Quis dizer aquele texto até morder a língua, quis adentrar naquelas ondas até misturar sangue com saliva.
As Ondas de palavra, não foram lançadas ao mundo para serem compreendidas, mas sim dançadas, salivadas, vividas”*

F. Naves

125.

Nunca sabemos o que pode uma onda, até onde pode chegar sua força. Como grande ritornelo ela pode conectar com corpos os mais distantes, os mais diversos, mas com os que tem um profunda afinidade. Na sua autonomia expressiva e impessoal, elas já fazem corpo com o vento, com a lua, com o sol.

126.

Deixar-se surpreender! As ondas passam, seguem, se conectam com um corpo-sintetizador. As ondas passam, seguem, se conectam com um corpo-performance, com um corpo-voz.

Pelo meio, no meio deste experimento as ondas se desdobraram de modo inesperado. Waves-project já fala da fome infindável que elas têm. Desdobrar, conectar ali e aqui, proliferar.

Elas, as ondas, nunca foram mudas, mas sua sonoridade pedia inventar uma escuta, um outro tímpano. Logo elas impuseram uma frequência que só podia ser tateada na escapada das visualidades. Isto é, o aparecer das sonoridades pedida também uma micro-percepção, uma percepção molecular.

Como seres-coisas do mundo que procuram afirmar sua potência, nós só podemos agenciar e servir de operadores anônimos para que elas, as ondas se propaguem vorazmente mundo fora, papel, filme fora. Cuidá-las, continuar a prática de jardinagem marinha que distancia qualquer determinação ou fixação. Toda superfície, é zona de passagem a ser abandonada.

A vida inorgânica das Ondas faz aliança com um corpo-sintetizador, zona de vizinhança, que permite que o corpo-ondas-som atinja um devir molecular. Com ele, elas são constante modulação em fuga cósmica. Se nas visualidades as bioluminescências são a ponta de um

iceberg de populações infinitas, a densidade da sonoridade consegue mergulhar e trazer à superfície a vida que há no magma terrestre e que secretamente se conecta com os ritmos de saturno e dos cometas ao passar pelo canto das baleias grávidas por aliens que dançam na escuridão com Cthulhu.

As ondas-filme encontram nesta aliança parte da gênese de seu corpo (sempre) desconhecido. E se voltamos a ela aqui é porque não é só um ritornelo interno às ondas-filme, mas também às ondas-mundo-fora. As ondas-filme não nasceram com estas sonoridades. Sim, elas já eram sonoridades inaudíveis que engravidavam as visualidades, mesmo assim, foram elas na sua autonomia expressiva que pediram e encontram este agenciamento-sintetizador. Isto é, o que esta em jogo é muito mais uma vontade *de fazer corpo com*, do que só atingir uma variação nas sonoridades.

As ondas-filme, são um corpo de visualidades e sonoridades. Mas como tudo corpo é corpo de corpo, as ondas-filme são também um fazer corpo-sintetizador.

Não foram as ondas como forma a priori a ser preenchida as que encontram um corpo-sintetizador, foi justo por elas serem uma constante forma a deformação em porosidade mutante que um corpo-sintetizador começou a ressoar com elas.

Elas, as ondas, devoram, mas também se dispõem a ser devoradas, dizendo *vem... vem...* O corpo-sintetizador sentiu o chamado e se jogou em banquete para devorá-las.

Mas não foi só um corpo-sintetizador quem escutou e se deixou afetar. Elas, se dizendo ondas-texto mais uma vez cataram *vem... vem...* e um corpo-performance e um corpo-voz foram convocados.

Um corpo-voz arrancando do sentido uma pura sonoridade. Arrebrantar da voz pulverizando palavras na procura de um puro ritmo. Ritmo que como tsunami, fazia

ondular um corpo-performance num *vai...vem...* de esgotamento, de levar ao limite até que escutar as ondas fosse escutá-las com os ossos. Ondas criando uma outra errância nesses dois corpos. Ondas conhecendo e criando novas superfícies por onde passar, por onde vazar.

127.

De corpo em corpo, entre corpos, um corpo-ondas vai ganhando inesperados modos, ora filme, ora papel, ora sintetizador, ora voz, ora performances. Desdobrar que aqui não termina, nem começa. Desdobrar que por aqui continua, passa e uma e outra vez recomeça. Jogar as ondas mundo fora! Nessa vontade eis o aparecer ondas-texto que já convocou corpos-voz, corpos-performance, que não sabemos que mais pode compor.

O que podem as Ondas?

Deixar-se surpreender! As ondas passam, seguem, se conectam...

Ondas¹⁹:

um experimento em pensamento-cinema ou das variações de uma máquina-marinha...

"Que as linhas das Ondas sejam como os trilhos do trem,
lisos que atravessam campos estriados."

C.C.

1.

Arte, não mais distante da vida. Estética como etologia. Arrebentar com a força das Ondas a máquina antropológica (AGAMBEN, 2006). Arte como máquina abstrata que afirma a vida. Proliferação do murmulho do mundo que ressoa nas Ondas.

2.

Chihiro (MIYAZAKI, 2001) atravessa um umbral, do outro lado os contornos entre o humano e o não-humano são difusos, reversíveis. Ora voar-dragão, ora caminhar-criança. Ora nadar-sapo, ora flutuar-sem-rostos. Pegar um trem, cujos trilhos estão submersos no mar e abrem uma linha de fuga para terras-outras. Pegar um trem-ondas para esgotar dimensões entre umbrais, que sem fim mares-terras abrem.

3.

Perguntar-se por uma multiplicidade qualitativa, por uma lógica de devires que devoram, que são pura devoração e diferenciação constante da vida. Ter moradia na crista das Ondas. Insinuar-se, habitar a dobra das Ondas (DELEUZE; PARNET, 1996). Perguntar-se então pelo ritornelo, que como movimento expressivo libera ritmos. Arrebentar, arrebentar, que a ruína, que a catástrofe cheguem, que os ritmos passem, que se espalhem.

¹⁹ Entendemos por Ondas, o conjunto das variações de um movimento no pensamento que encontra sua gênese no cinematografo (BRESSON, 2005), precipitando-se inicialmente no filme experimental homônimo, mas cuja proliferação também se abre caminho na constelação sensorial WAVES PROJECT | in becoming waves [<http://wavesproject.tumblr.com/>] e em escritas intensivas que tentam ter uma baixa aderência em favor dos fluxos da expressão, como a que aqui apresentamos.

4.

Ondas que, como modos de existência em si mesmos, demandam uma outra sensibilidade, uma alienígena, tato de água-viva. Percepção-vibrátil, membrana percussiva. No meio, correnteza, pura potência, uma diferença. No meio, correnteza, contínuo, sempre aberta. Nada que narrar, nada que contar, só esvaziar, esburacar, esgotar. A mão que desconfia do olho, mão-água-viva que só com os fotogramas fica. Pintar um a um abrindo o ritornelo das impressões-intensidades-dissipantes aderidas na película. Mão-água-viva que precipita as sonoridades-correnteiras para detonar qualquer aderência. Retrato sempre inconcluso e aberrante das Ondas-personagem-rítmica.

5.

Desfigurar, fazer das Ondas-personagem-rítmica um limite imanente, um puro deslimite. Balançar das Ondas, naufragar da imagem-ritornelo. Ondas que dentro levam o mar como pura reserva de mundos, de futuros, de nascenças. Ora elas são sonoridade-gargalhar-sem-face, ora canto de baleia, de cometa, sussurro d'areia, magma que queima. O olho determina demais essas potências, ficar só com a intempérie-cor-mancha que como latir-anônimo-do-mar uma mão-água-viva afirma. A dúvida de Cezanne-água-viva assegurando a dissipação constitutiva que abre o fotograma como atol de borbulhantes, fervilhantes de vida. Arrebentar, arrebentar as Ondas, no meio uma percepção-água-viva como gesto simbiogénico, como conjunção disjuntiva.

6.

Imagem-ritornelo que escuta a vida, que escuta seus ritmos, que se esgota para fazê-los proliferar, que afirma os movimentos de durações livres e desiguais. Imagem que, a cada arrebentação, se faz anomalia-rebento, se faz atol. Cada fotograma um recomeço, imagem que nunca se realiza por completo. Insistência, perseverança das Ondas na areia, na pedra. Fender, fender a jorros, uma e outra vez. Percepção de

beira-mar, que pede a ruína, a catástrofe, que já não aguenta a casa sufocante, que se joga em abismo corpo a corpo com as Ondas. Engravitando a terra, a terra é esse corpo-a-corpo (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Passagem entre meios pedindo o cosmos. Imagem exaustiva no seu gesto, para não ter fim nem começo. Combinatórias rítmicas, desiguais, de blocos de macha com outras manchas, de blocos de som com manchas, de blocos de som com outros sons. Deslocar, deslocar, descolar, não aderir, hiato aqui e ali.

7.

Habitar as Ondas, mas elas nunca estão dadas, acontecimento que sempre escapa. Moradia vaga, intempérie que se des-marca. Habitar a imagem, fazer com ela um corpo-Ondas. Mas a imagem é só passagem, umbral-processo em estado-devorante. Provocá-la, procurá-la para passar. Passar, despedaçá-la, destroçá-la. Passar, derrapar, de qualquer aderência escapar. Isto é, tensioná-la em suas forças internas, apagar suas orientações esgotando suas dimensões, abrir sua expressividade em impensadas diagonais, em infinitas direções.

8.

Fazer aliança com as Ondas, com o mar que desbordam, com sua fome que engendra mundos nascentes. Modular suas forças, fazendo da terra um lugar desterritorializante que instaura planos cósmicos (BORGHI, 2014). Fazer da terra uma erupção, uma avalanche constante, fazer com que ela na sua expressividade ganhe infinitas dimensões. Sermos trota-mundos anônimos, que nas suas costas levam a casa mais fina, mais ínfima, puro “entre”, entre o vento e a crista das Ondas, entre o aparecer e desaparecer da imagem, entre o pequeno e grande ritornelo, ali onde sem âncoras um campo experimental ondulatorio de tempos intensos como afirmação rítmica da vida acontece.

9.

Sem função, compor e decompor a imagem. Na necessidade de não ter uma necessidade, arrebear como as Ondas nas pedras uma e outra vez. Imagem-ritornelo, infância infundável do cinema, do pensamento. Fazer imagens na procura de uma imagem... de justo uma imagem (GODARD, 2010). Demolição de mundos já dados e arrebeação de mundos por vir. Percepção-água-viva dos entre-mundos, dos entre-tempos, do acontecimento. Rebentos-Ondas, rebentos-imagens, arrebeos.

10.

Durar pouco, ser para ser efêmero, para dissipar-se, para devir incessante. “A energia da imagem é dissipadora. A imagem acaba rápido e se dissipa, uma vez que ela própria é meio de terminar. Ela capta todo o possível para fazê-lo saltar” (DELEUZE, 2010, p. 85). A imagem se balança como aquilo que durando pouco abre e faz saltar o infinito, afirmando Uma vida (DELEUZE, 1997) entre o vivente e o inerte, entre o orgânico e inorgânico, entre o liso e o estriado. Impermanência que assegura a imanência. Imagem que ao fazer corpo com as Ondas, se diz atol-berçário-de-vida, mas não esqueçamos que todo atol, já foi um vulcão e volvera a sê-lo. Entre o atol-já-aí que tráz o por vir e o vulcão-ainda-porvir que tráz a dissipação, a vida erupciona. Uma imagem-ritornelo devora o pensamento.

11.

Ondas que ao agenciar-se e contagiar com suas forças a imagem amalgamam um modo de existência entre as visualidades e sonoridades como grito catastrófico, superfície infundável que faz deslizar a imanência por um cinema que esqueceu seu nome, forma e herança. Cinema que dura pouco, frágil, em ruínas, auto-devorante, dissipante, leve o suficiente e com a aderência mínima para criar uma sinapse inorgânica com a vida, um pensamento-cinema de nascenças águas-vivas.

12.

Devir imperceptível, sujeito a nada, pura queda, puras Ondas que quebram. Meios, territórios, agenciamentos e planos cósmicos (BORGHI, 2014). Grafias livres afirmando a vida, pequenas inscrições dispostas a se apagar, grafias de baixa aderência e profundo esgotamento nas superfícies, na terra. Só no abandono, só na catástrofe poder povoar e engravidar a terra, poder dar lugar ao ritornelo do canto-terra. Não mais bio-grafias, mas sim oceano-grafias, que já contêm geo-grafias, aquelas que abrem a casa para o cosmos, aqueles que se dizem beira-mar, beira-mundo.

13.

Atravessada por uma ondaliferação a imagem-ritornelo afirma como ato de resistência uma cosmopolítica. A imagem esgota-se, arrebenta-se uma e outra vez, para não mais estar à altura dos homens, mas sim à escala de velocidade e lentidões infinitas do cosmos. Escala que é pura queda, puras Ondas que quebram:

“A imagem é um sopro, um fôlego, mas expirante, em vias de extinção. A imagem é o que se apaga, se consome, uma queda. É uma intensidade pura, que se define por sua altura, isto é, seu nível acima de zero, que ela só descreve ao cair” (DELEUZE, 2010, p. 103)

14.

Máquinas de máquinas,
Meios de meios,
Imagens de imagens,
Justo uma imagem,
Onda que bate,
Junto uma faísca que faz fervilhar e farfalhar o pensamento,
Justo uma faísca que acende um cinematografo marinho...

(P.S.)

Viver o acontecimento enquanto acontece...

128.

O que se passou, o que se passa, se é que algo se passou? Melhor, talvez, só perguntar o que pode passar.

129.

Fazer o ritornelo: a cada passo dizer o mesmo de modo diferente, afirmar as ondas como potência de heterogeneidade, como simpatias em simbioses canibais. Não saber o que são as ondas e deixar sempre aberta a pergunta pelo que elas podem. Afetos que se arrebatam entre superfícies, que de tudo fazem um ar-rebento.

130.

Devorar *uma ficção necessária* para poder seguir sem fim nem começo. Fazer do próprio experimento um manifesto, uma posta em superfície de sua lógica e método. Não esquecer que o que aqui nos move é também a vontade de um canibalismo-acadêmico (que sempre é um vitalismo-canibal). Sim antes de nada, fazer variar as ondas, mas fazer esse movimento é também inventar um modo de pesquisar, de pensar e dar força ao agenciamento-Artista-Pesquisar. Fazer de tudo ondas. Fazer da academia mais uma onda na superfície do mar, ficar só com suas forças e esquecer sua forma. Fazer da academia também um material a arrebatam. E, quem sabe, na sua singularidade-arrebentação, que esqueceu seu *a priori*, poder dizer ao se jogar na experimentação: Eis, talvez, uma metodologia para na academia pensar entre vida, arte e filosofia. Eis um anti-método como *poética singular dos procedimentos*, como enrolamento de notas para uma *poética da imanência*.

131.

Ter uma onda na cabeça, fazer de tudo uma grande ondaliferação.

132.

O dobrar-desdobrar impensado das ondas que se conectam com um corpo-sintetizador, com um corpo-performance, com um corpo-voz. Pensamento-cinema que vaza, que desborda.

133.

Pensamento-cinema como anti-método, como um *processus* construtivo e diferencial entre umbrais, entre superfícies de expressão que tem a imagem como ponte e/ou zona de vizinhança que permite compor entre heterogêneos. São, então, as imagens em suas intensidades e duração que movem o pensamento se precipitando audiovisual &... Isto é, pensamento-cinema como um ritornelo que conecta a matéria-filme com outras superfícies (escrita, conceito etc.) em variabilidades de velocidade na procura de ampliar os umbrais perceptíveis de um espectro, neste caso as Ondas. As imagens como móvel do pensamento onde somos imagens de imagens, onde somos imagens entre imagens, onde somos ondas que se dobram e desdobram.

134.

Ondas-Escrita, Ondas-filme, Ondas-Ritornelo, Ondas-Deleuze, Ondas...

Pensamento-cinema como uma elasticidade no pensar com as imagens, onde somos mais uma entre elas; onde por mais que seja com as Ondas que se atinja uma singularidade, nunca é delas como tema que falamos. Elas, como ondaliferação são força efetiva de pensamento, pois forçam a produzir uma lógica não racional que inclui o aberrante. Uma lógica irracional inexplicável e necessária. Dali que este não seja um experimento sobre as ondas, mas uma tentativa de pensar com suas forças entre as imagens, como lógica que pode dizer de um pensamento-cinema singular.

135.

A imagem é um modo da matéria, é uma realidade em si mesma, é um conglomerado de forças feito de velocidades e lentidões, de vibrações como variabilidades de potência, ou o que é o mesmo, como afetos.

O pensamento é mais uma imagem entre as imagens, não se separa delas, acontecendo entre elas no nível da sensação, como aquilo que as faz mover, fazendo e refazendo a cada movimento o universo delas, o multiverso imagético. Assim uma imagem vale pelo que nos força a pensar, pelo que move entre outras imagens ou pela expressividade que pode abrir no mar de imagens.

136.

A imagem já é uma população de seres-coisas do mundo, uma pluralidade de movimento e mataria, uma vibração, um turbilhão de matéria movente que arrasta forças, uma onda que se dobra e desdobra como existência física ondulatória. Elas, as ondas, as imagens não são privilegio da superfície-filme, sua elasticidade faz com que possam afirmar a potência de um pensamento-cinema na superfície-filme, mas também na superfície-papel e outras impensadas porvir... Não podemos conter as imagens, não podemos conter as ondas, pois somos mais uma entre elas. Como matéria fluente e que é pura energia, elas transbordam, se arrebatam, vazam como blocos de espaço-tempo vibráteis, que se singularizam, diferenciam, precipitam sem vontade de permanência em fervilhares enlouquecidos e alucinados.

137.

A imagem como matéria de expressão de um pensamento-cinema é sempre matéria de encontro. Ela mesma é dobra de pensamento que passa pela superfície-sensação, mas também pela superfície-conceito. Este experimento em boa medida é um passar pela sensação, um passar pelo finito do material para abrir o infinito no plano de composição. Movimento que nunca esteve isento de um hibridismo com o conceito. É claro que conceito e sensação sob condição alguma podem ser redutíveis o um ao outro, mas seu encontro e

contágio entre planos, entre superfícies, afirma o pensamento como heterogêneso. Faz da imagem uma pura heterogêneso em si, que entre sensação e conceito pede o infinito a condição que um corpo seja inventado para fazê-lo durar na eternidade de seu instante material. Isto é, a imagem como possível lha de um corpo ao acontecimento.

138.

Entre imagens, sensação e conceito se deslizam mutuamente um no outro, um ocupando o plano do outro sem se confundir, um dobrar-desdobrar entre plano de composição e plano de imanência apelando ao acontecimento, ao infinito como efetuação singular na matéria. Tentar instaurar-se na própria diferença dos planos, uma instabilidade, um malabarismo constante. Cruzar-se, entrelaçar-se sem síntese ou identificação. Quem sabe, talvez, fazer de um pensamento-cinema, um modo singular de pensar, de compor no limite sempre móvel destes dois planos. Praticar uma filosofia “pela metade”, praticar um cinema que filosofa pelo meio. Um bifurcar, um hibridar, um compor planos mistos.

140.

Há algo sempre mais importante que não nos deixa fixar nos planos e que convoca a imagem como matéria de encontro. A pergunta pela vida se impõe e faz com que compartilhemos uma vontade por do buraco fazer emergir um povo porvir. Sombra que nos bifurca, que de nós faz mistos, que nos pede o encontro entre planos, entre-reinos por mais que a natureza de cada um seja singular. Quem sabe, talvez, porque na conexão dessas singularidades é que algo pode acontecer.

141.

Entre imagens, sensação e conceito fazem proliferar uma ondaliferação que desata ritmos aqui e ali, como um dinamismo do espaço que se experimenta, como um distribuir-se no espaço, antes que distribuir o espaço. Isto é, como nomadismo de um espaço intensivo. A ondaliferação que aqui é arrastada e tudo arrasta, não é só o apelo por um povo porvir, mas com ele é também o grito por uma “nova terra” aquela intempestiva e transitiva que está no

futuro. Um apelo a adquirir essa imobilidade onde parece ser a terra quem se move e não nós.

142.

Há um anonimato que atravessa este pensamento-cinema-ondas. A elasticidade das ondas, das imagens é sempre impessoal se vertendo sobre elas mesmas. Há algo que sempre se diz em plural e em todas as direções onde fixar qualquer nome não tem lugar. Tudo passa, tudo se arrasta, tudo se diz ao mesmo tempo eternidade de um instante e efêmero na sua tendência de fervilhar molecular. Estamos sempre no nível da matéria, zona energética e intermediária, onde tudo se diz modulação infundável, onde compartilhamos um mesmo problema: fazer passar forças intensas no fazer variar da matéria de expressão na heterogeneidade de superfícies por onde ela passa e tudo arrasta, seja filme, seja papel, seja... Seguir, seguir o fluxo da matéria. *Vem... vem...* Ondas que arrebatam! *Posta em presença das forças*, que se diz *posta em filme, posta em escrita* que como imagens e ondas em si mesmas são pura passagem que move e faz passar temporalidades outras. A onda se repete, mas sempre que volta diz onda numa língua-onda-estrangeira-outra. Ondas, ritornelo aqui e ali, operação vitalista que faz respirar o mar, que engravida ele em turbilhões de ventos cósmicos.

143.

Ondas... que são a vida mesma, que não se distinguem da vida. Estar com elas afirmando que só há Vida e nunca minha vida, que só há corpos e nunca meu corpo, que só há composição entre corpos. Somos ondas entre ondas, imagens entre imagens, corpos entre corpos. E o que tem movido este experimento em pensamento-cinema não é mais do que um sempre frágil e incerto esforço *por fazer corpo com... por fazer corpo com as Ondas, por jogar-se na sua imanência.*

Uma vontade de repovoar o mundo de outro modo, vontade que conceitos e sensações compartilham com a política. E se este experimento pode ser dito como um grande delírio, é

porque só delirando, fabulando é que se encontram razões para acreditar no mundo. Recriar tudo a partir de populações moleculares que dispõem e se dispõem no futuro. Mesmo que efêmeras e fugitivas as imagens tem a potência de engendrar novos mundos.

144.

Agradecer ao mar,

É no mar que tudo se encontra, é nas ondas que as heterogeneidades brotam.

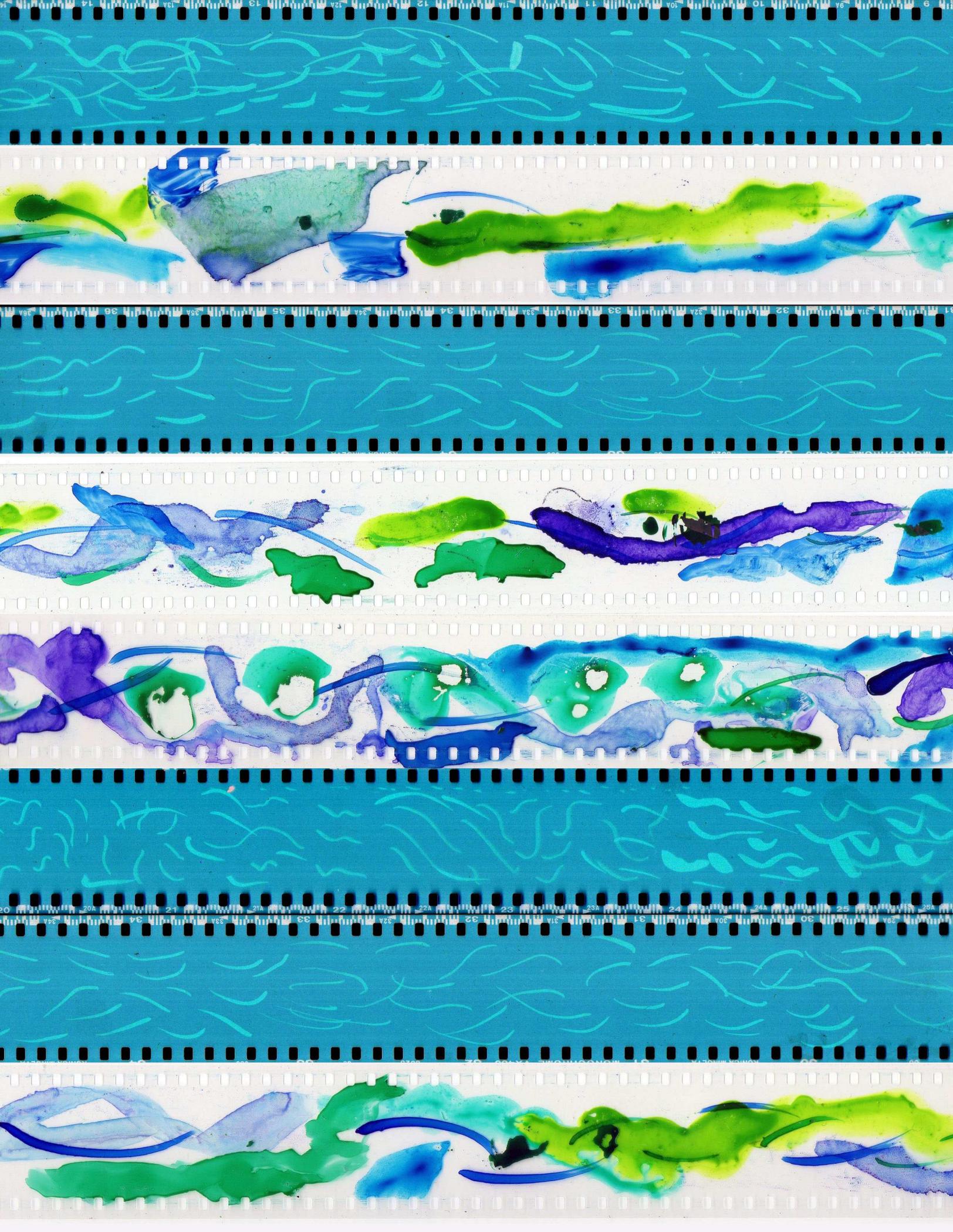
Levar ao limite o variar,

Ondular um des-limite no pensamento

Cuidar desse jardim estelar.

Vem... vem... me arrebenta!

“We were together. I forget the rest”



E por conversar com a lua, as ondas se movem ...

“A imagem acaba rápido e se dissipa, uma vez que ela própria é meio de terminar (...).

Quando se diz ‘criei a imagem’ é que, dessa vez, terminou (...)”

G. Deleuze

(Referências)

O material deste experimento, entre muitas outras referências (talvez impossíveis de localizar e nomear), está composto e foi escrito no estar junto e devorar de:

AGAMBEN, G. *Lo abierto*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

ANDRADE, O. DE. Manifesto Antropófago. *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 11–20.

BORGHI, S. *La Casa y El Cosmos. El ritornelo y la musica en el pensamiento de Deleuze y Guattari*. Buenos Aires: Cactus, 2014.

BRAKHAGE, S. *Essential Brakhage: Selected Writings on Filmmaking*. New York: Documentext/McPherson, 2001.

BRESSON, R. *Notas sobre o cinematografo*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CALVINO, I. O sangue, o mar. *Todas as cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELEUZE, G. *A Dobra: Leibniz E O Barroco*. Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, G. A imanência: uma vida... In: VASCONCELLOS, J.; DA ROCHA FRAGOSO, E. Â. (Org.). *Gilles Deleuze: imagem de um filósofo da imanência*. Londrina: UEL, 1997a. p. 15–19.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997b.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Tradução Luis Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. *Francis Bacon - Logica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, G. O esgotado. *Sobre o teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. .

DELEUZE, G. *Pericles y Verdi: la filosofía de François Châtelet*. Valencia: Pre-Textos, 1989.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997a. v. 4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997b. v. 5.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 1992.

- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. *Folha de São Paulo*, 1999.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *L'abécédaire de Gilles Deleuze*. . [S.l: s.n.]. , 1996
- FERRAZ, S. Consistência sem perder o infinito: do caos ao cosmo à terra e ao som. In: VI SEMINÁRIO CONEXÕES: DELEUZE E MAQUINAS E DEVIRES E ..., 2015, Campinas. *Anais...* Campinas: [s.n.], 2015.
- FERRAZ, S. *Livro das sonoridades*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- GODARD, J.-L. *Je vous salue, Sarajevo*. . [S.l: s.n.]. , 1993
- LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- LOVECRAFT, H. P. O chamado de Cthulhu. *Os Melhores contos de H.P. Lovecraft*. São Paulo: hedra, 2014. .
- MIYAZAKI, H. *A Viagem de Chihiro*. . [S.l: s.n.]. , 2001
- O'SULLIVAN, S. Four Moments/Movements for an Expanded Art Practice (following Deleuze following Spinoza). *Contemporary Aesthetics*, p. 67–69, maio 2005.
- PAÏNI, D. De l'expérimental comme une ritournelle. In: DOSSE, F.; FRODON, J.-M. (Org.). . *Gilles Deleuze et les images*. Paris: Cahiers du cinéma, 2008. .
- PARENTE, A. *Cinema em trânsito*. Rio de Janeiro: Azougue, 2011.
- POLLET, J.-D. *Jour après Jour*. . [S.l: s.n.]. , 2006
- RODOWICK, D. N. Audiovisual Culture and Interdisciplinary Knowledge. *New Literary History*, v. 26, p. 111–121, 1995.
- SAUVAGNARGUES, A. *Deleuze et l'art*. Paris: Presses universitaires de France, 2005.
- SNOW, M. *The Collected Writings of Michael Snow*. Waterloo: Wilfrid Laurier Univ. Press, 1994.
- TARKOVSKY, A. *Stalker*. . [S.l: s.n.]. , 1979
- UNO, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: n-1 edições, 2012.
- VASCONCELLOS, J. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. *Educação e Sociedade*, v. 26, p. 1217–1227, 2005.
- WIEDEMANN, S. Jour après jour... Do possível no mundo: Notas para uma imagem áudio-visual. *Alegrear*, v. 14, p. 1–8, Dez 2014.
- ZINMAN, G. *Handmade: The Moving Image in the Artisanal Mode*. 2012. New York University, New York, 2012. Disponível em: <<http://www.handmadecinema.com/>>.